



Por este rio acima

A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Por este rio acima

**A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa**

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Índice

- Introdução** 7
Aida Carvalho
- Um artista do Côa** 9
João Zilhão
- Ver nem sempre é olhar. Relatos recentes de Pré-Histórias antigas pelo Rio Côa** 13
Thierry Aubry, Patrícia Ramos
- A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural** 55
André Tomás Santos
- Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa** 117
Mário Reis, Lara Bacelar Alves
- Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro** 181
Luís Luís
- Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar** 267
Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, André Santos, Thierry Aubry, Luís Luís, Marcelo Silvestre



Fotografia de Teresa Fonseca

**Entre o Côa e
o Douro, nos
longos milénios
do pós-glaciar:
quadro de
referência da arte
rupestre da Pré-
história Recente
da região do Côa**

*Mário Reis^a
Lara Bacelar Alves^b*

*a) Fundação Côa Parque. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património
(CEAACP) - Universidade de Coimbra, marioeis@arte-coa.pt*

b) Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) - Universidade de Coimbra, lara.b.alves@uc.pt

1. Introdução

Um dos aspectos interessantes da altura em que a arte do Côa foi revelada ao mundo, na (cada vez mais remota) transição de 1994 para 1995, encontra-se no facto que a longa diacronia deste complexo de arte rupestre se estabeleceu, nos seus aspectos essenciais, logo desde o início. Se a arte paleolítica dominou, e continua a dominar, a atenção mediática e científica, foi desde logo possível apreender que os afloramentos rochosos que tão abundantemente proliferam nas encostas da região ostentavam uma quase perfeita continuidade diacrónica, com as inúmeras figuras gravadas do Paleolítico Superior a terem sucessão em motivos da Pré-história Recente, da Idade do Ferro, e de Época Histórica. Mas, e apesar da sua evidente importância patrimonial e científica, também traduzida num acentuado incremento quantitativo dos exemplares conhecidos à medida que a investigação prosseguiu, a arte pós-paleolítica da região do Côa manteve-se relativamente desconhecida.



Fig.1: Fernando Barbosa em 2004, no decurso do levantamento gráfico das pinturas do abrigo 1 do Colmeal. Fotos de Manuel Almeida.

Apesar disso, e com a prioridade científica de que o estudo da arte paleolítica tem beneficiado, é importante frisar que a investigação não abandonou os períodos mais recentes. A prospeção arqueológica de arte rupestre regista todos os novos achados, independentemente da sua cronologia, o mesmo acontecendo com o inventário e registo fotográfico das rochas e das suas figuras que se tem levado a cabo. E, numa obra dedicada a Fernando Barbosa e ao seu extraordinário trabalho de registo em desenho das rochas decoradas do Côa, não é demais lembrar o seu papel fundamental em documentar uma quantidade importante de rochas com motivos pós-paleolíticos. Há que salientar que a metodologia utilizada na investigação de arte rupestre em Portugal na segunda metade do século XX e que se estendeu ao Côa, sempre privilegiou, com algumas exceções, o registo integral das gravuras e/ou pinturas presentes na superfície rochosa a estudar, independentemente da sua cronologia, numa época em que,

noutros contextos europeus, ainda se aplicava, por vezes, o registo selectivo. Em particular, e em relação à temática específica deste texto, há uma quantidade significativa de desenhos feitos que integram motivos da Pré-história Recente, em variados sítios da região e que se revelam fundamentais para uma melhor compreensão da evolução da arte e das mentalidades das populações que subsistiram na região após o Paleolítico Superior.

Desde logo, e ainda antes de se ter noção do que era o “Côa”, assinala-se a contribuição de Fernando Barbosa no projecto dirigido por António Martinho Baptista de registo do importantíssimo conjunto de rochas do sítio do Vale da Casa, que se mantém submerso e inacessível sob as águas da albufeira da Barragem do Pocinho. Mais tarde, são de relevar os levantamentos de algumas rochas da Canada do Inferno com gravuras pré-históricas atribuíveis a momentos pós-paleolíticos, o mesmo sucedendo com exemplares da Quinta da Barca ou da Ribeira de Piscos. Também o levantamento da rocha 1 dos Namorados, com um notável e complexo conjunto de picotagens esquemáticas, se assume como um marco. Mas, no tocante a gravuras, talvez seja o seu desenho do extraordinário veado da rocha 1 de Vale de Cabrões o que mais se destaca no universo dos registos de gravuras atribuíveis a momentos pós-paleolíticos. A contribuição de Fernando Barbosa não se fica pelo registo gráfico de gravuras, sendo igualmente fundamental na documentação de diversos sítios com pinturas rupestres do pós-glaciar, com destaque para desenhos na Faia, Colmeal, Poço Torto, Vale de Figueira ou Vale de Videiro.

Se a sua meticulosidade, imensa competência e saber na difícil arte do desenho de arte rupestre garantem uma perene qualidade nos desenhos de gravuras, já nos desenhos das pinturas pré-históricas, frequentemente muito delidas ou cobertas por

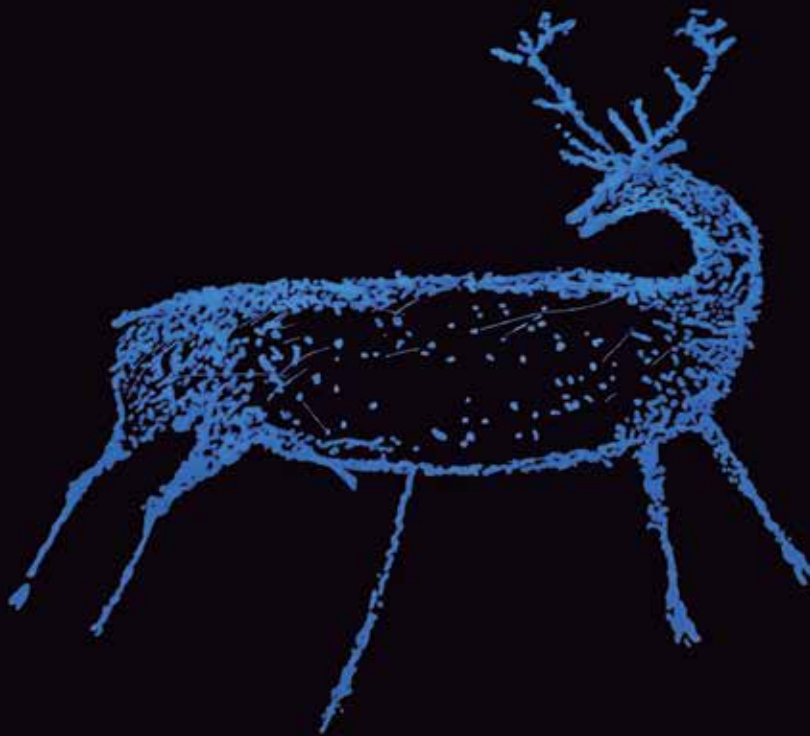


Fig. 2: O veado picotado da rocha 1 de Vale de Cabrões exibido no Museu do Côa, a partir de um desenho de Fernando Barbosa. Foto de Mário Reis.

películas ou crostas minerais que impediam a sua observação adequada em tempos pré-*DStretch*, o seu registo gráfico era um imenso desafio, muitas vezes para lá da competência técnica, assente apenas na capacidade de visualização do olho humano de *per se*. Actualmente, a aplicação desta nova ferramenta digital, simples e acessível a todos, em conjugação com fotografia de alta resolução, veio não só facilitar a percepção de pinturas antigas como permite a revisão e o aperfeiçoamento de levantamentos antigos, rectificando detalhes e melhorando interpretações, com um detalhe previamente impossível.

É o que temos vindo a constatar nos nossos recentes projectos de investigação sobre a pintura pré-histórica do vale do Côa onde, em virtude da extrema dificuldade na realização de desenhos sobre polivinilo, optámos pelo registo a partir de fotografia e com recurso a diversas ferramentas digitais (REIS *et al.*, 2017; ALVES, 2020). Por seu lado, estes projectos representam uma nova etapa no estudo e valorização da arte do Côa, dirigindo-se especificamente ao estudo da arte pré-histórica pós-glaciar, com ênfase para as suas manifestações pintadas. Somando o conhecimento prévio com os novos dados obtidos, um dos aspectos que emerge, entre muitos outros, é o da diversidade das manifestações artísticas (uma diversidade iconográfica, estilística, formal, técnica...) que podem, com maior ou menor segurança científica, ser atribuídas aos primeiros milénios do Holocénico. Uma diversidade que sugere uma conjugação entre

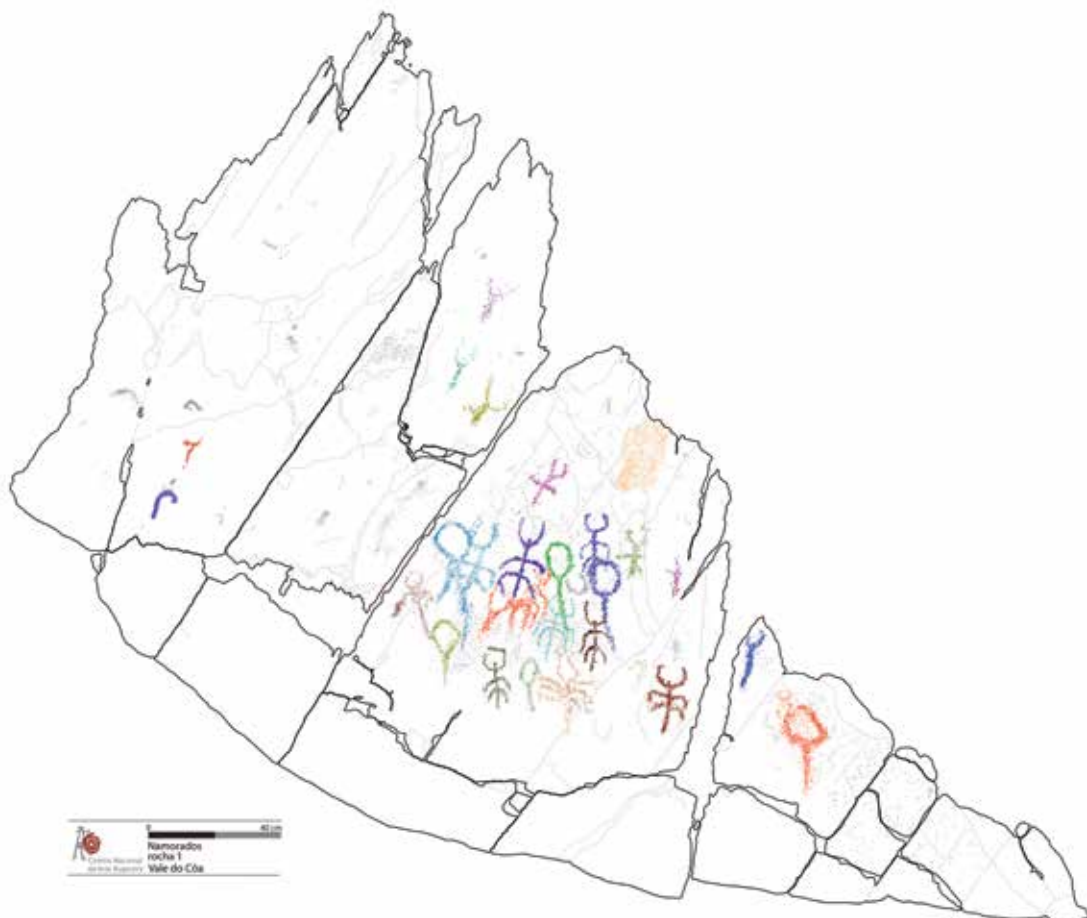


Fig.3: Rocha 1 dos Namorados. Decalque de Fernando Barbosa.

evolução cronológica e cultural, a presença de diferentes influências e estímulos, assim como diferentes formas e usos das superfícies rochosas. E, sendo a arte rupestre da Pré-história Recente a menos abundante no inventário da arte do Côa, quantitativamente a uma distância considerável das manifestações dos outros três principais períodos, essa diversidade assume uma importância considerável neste período, como uma das suas marcas distintivas.

O objectivo do presente texto não é retratar fielmente esta diversidade, o que deixaremos para futuras publicações. Pretendemos sim dar a conhecer, sumariamente, o conjunto de sítios e de rochas com arte rupestre atribuível a este longo período temporal, na área que junta o troço final do rio Côa com o troço adjacente do rio Douro, um quadro de referência de um território que se pode designar por “região da arte do Côa”.

2. A evolução do conhecimento

O primeiro reconhecimento da existência de arte pré-histórica na região do Côa surge nos anos 60, com o aparecimento da chamada estela de Longroiva no sítio do Cruzeiro Velho (ALMAGRO, 1966, 108-109; JORGE, 1995, 22; RODRIGUES, 1983, 35-37), um importante achado, embora isolado e que não fazia suspeitar a existência de algo maior nas imediações. Cerca de vinte anos depois, os trabalhos arqueológicos de emergência no terraço do Vale da Casa, sobre o Douro e a escassos quilómetros da foz do Côa, revelaram um grande conjunto de gravuras pré e proto-históricas (BAPTISTA, 1983), num importante sítio da arte do Côa, mas sem que tal fosse então suspeitado. Até esta altura, a arte rupestre na região era apenas um conjunto de sítios desgarrados, algo que começaria a mudar poucos anos depois dos trabalhos do Vale da Casa, com a sequência de descobertas de arte rupestre associadas à construção da barragem do Côa, e nas quais se incluíam variados sítios com decoração da Pré-história Recente.

Esta nova fase é inaugurada com os estudos prévios da Barragem do Côa por Francisco de Sande Lemos, com a descoberta em 1989 de diversos sítios, entre os quais alguns com rochas pré-históricas, incluindo o extraordinário sítio da Faia, com rochas pintadas com motivos esquemáticos e subnaturalistas, assim como uma rocha com gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo” em Vale de Figueira, posteriormente inventariada como rocha 3 deste sítio (LEMOS, 1991, 121-122; 1994, 145-146). A partir de 1991 iniciam-se os trabalhos arqueológicos de acompanhamento das obras da barragem do Côa, no chamado Projecto Arqueológico do Côa, dirigido por Nelson Rebanda. Serão responsáveis pelo primeiro grande volume de descobertas, entre 1991 e 1994, e que elevarão à divulgação pública da existência da arte do Côa, com a subsequente e bem conhecida polémica. No tocante ao período em apreço, as descobertas foram menos abundantes mas não menos interessantes. O abrigo pintado da Ribeirinha foi descoberto em 1993 (REBANDA, 1993, ficha 16; 1995b, ficha 31), e algumas figuras zoomórficas gravadas por picotagem e de estilo subnaturalista foram, pela primeira vez, identificadas na região (juntando-se às figuras zoomórficas subnaturalistas pintadas da rocha 1 da Faia, já então conhecidas). Em primeiro lugar com as abundantes descobertas feitas a partir de 1993 na Canada do Inferno e com os primeiros desenhos feitos em 1994 (REBANDA, 1994a, 9-10; 1994b, 5; 1995a, 12; 1995b, 2), e que incluíram algumas figuras deste género. Em finais de 1994 descobriu-se a rocha 1 de Vale de Figueira, a qual, além da abundante iconografia paleolítica, incluía também muitas unhadas do diabo e algumas figuras picotadas de estilo subnaturalista (REBANDA, 1995b, 3, ficha 14).



Fig. 5: Estátua-menir encontrada no sítio do Cruzeiro Velho, habitualmente conhecida por “estela de Longroiva”, com a decoração bem evidenciada pela luz solar rasante. Foto de Mário Reis.

Ainda escasso, este conjunto iconográfico traçava um primeiro quadro da realidade da arte pré-histórica pós-paleolítica no dealbar da nova vida do complexo rupestre do Côa, e era um primeiro anúncio da diversidade que a caracteriza, juntando gravuras e pinturas, motivos subnaturalistas e esquemáticos. O ano da polémica, 1995, traduziu-se numa explosão de novas descobertas de arte rupestre de todos os períodos, que incluíram novas rochas decoradas na Faia e a primeira rocha em Vale de Cabrões, com o famoso veado já mencionado, neste caso por intermédio de elementos da população local. Novas descobertas não deixaram desde então de acontecer, prosseguindo até à



Fig. 5: Imagem de 1995 da Canada do Inferno, temporariamente emersa das águas da albufeira da Barragem do Pocinho, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com os números a designar as mencionadas no texto. Foto de Manuel Almeida.

actualidade, maioritariamente da responsabilidade de membros do CNART (até à sua extinção em 2007) e do PAVC, resultando numa gradual evolução do inventário da arte do Côa (BAPTISTA & GOMES, 1997; BAPTISTA, 1999; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ, 2002; BAPTISTA & REIS, 2008; REIS 2011; 2012; 2013; 2014; 2021).

Os achados de arte pré-histórica do pós-glaciar foram-se igualmente sucedendo no tempo, o mesmo acontecendo com o registo de alguns destes em desenho. Assim, dando vários exemplos numa listagem não exaustiva (ver também a Tabela 1), em 1996 descobrem-se as rochas 27 e 28 do Vale da Casa e a rocha 1 dos Namorados, ficando-se

também a conhecer todas as rochas com decoração da Pré-história Recente na Ribeira de Piscos. O mesmo acontece em 1997 com a Quinta da Barca, identificando-se ainda nesse ano a primeira rocha com covinhas no sítio dos Tambores. O ano de 1998 assiste à descoberta das pinturas rupestres de São Gabriel, e 1999 à primeira rocha pintada de Vale de Videiro. Passados alguns anos, 2004 fica marcado pela mediática identificação e registo dos muito importantes sítios do Colmeal e Poço Torto, nos limites meridionais da área do PAVC. Em 2006 cabe a vez à segunda rocha de São Gabriel, desta feita com covinhas, assim como às rochas 5 e 7 dos Namorados, com gravuras esquemáticas. Em 2008 volta-se às pinturas, com a descoberta do grande abrigo das Lapas Cabreiras, o mesmo acontecendo em 2010 com o de Vale d'Arcos, o único da região do Côa localizado sobre o Douro. O ano de 2011 é importante pela descoberta de um muito variado e relevante conjunto de gravuras, nomeadamente na rocha 11 da Ribeira da Cabreira, rocha 15 da Cascalheira e rocha 3 da Ribeira do Arroio. Em 2018 identificam-se duas rochas gravadas no terraço da Quinta da Barca Sul, uma das quais com figuras de estilo subnaturalista. Finalmente, 2019 assiste à mais recente descoberta de arte pré-histórica pós-paleolítica em trabalhos do PAVC, com a identificação da rocha 1 da Ribeira do Impariz.



Fig. 6: Imagem da superfície decorada da rocha 11 da Ribeira da Cabreira. O painel com gravuras esquemáticas encontra-se do lado superior esquerdo. Foto de Mário Reis.

Se a investigação interna do CNART e PAVC é responsável pela vasta maioria das novas descobertas, há também importantes contribuições externas, que se podem dividir em dois grandes grupos: Estudos de Impacte Ambiental e respectivos trabalhos de acompanhamento, e projectos de investigação.

No primeiro grupo, a renovação da rede viária da região ocasionou alguns achados, como as pedras decoradas do sítio da Vinagreira, numa estrutura rural demolida

em 2010 no âmbito da construção da nova IP2 (EIA – IP2 – Nó da Junqueira/Pocinho). Em 2011, na renovação da EN 222, identificaram-se dois novos sítios, Cavalaria e Ponto da Serra, em que rochas com covinhas surgiam associadas a vestígios superficiais de material pré-histórico (PINA, 2010, fichas 12-13). No entanto, a contribuição mais relevante deste tipo de trabalhos de investigação já tinha ocorrido alguns anos antes, no EIA da Barragem do Alto Côa, realizado em 2001. Entre muitos outros sítios de cariz patrimonial, é de relevar a identificação de três novos conjuntos de pintura pré-histórica: a rocha 8 da Faia, o novo sítio da Mioteira, com uma peculiar rocha pintada, e o também novo sítio do Ervideiro, com duas importantíssimas rochas com pintura subnaturalista (GARCÍA DIEZ *et al.*, 2001, fichas 96, 121, 189, 231; 2003).

Quanto a projectos de investigação na região do Côa, e para além do recente projecto “RARAA – Repositório de Arte Rupestre em Acesso Aberto”, dirigido por Natália Botica, que permitiu melhor contextualizar dentro da Pré-história recente as rochas com covinhas do sítio do Alto da Malhadas, há sobretudo três projectos que, a partir de 2012, ocasionaram algumas descobertas de novos sítios com arte rupestre pré-histórica, sendo

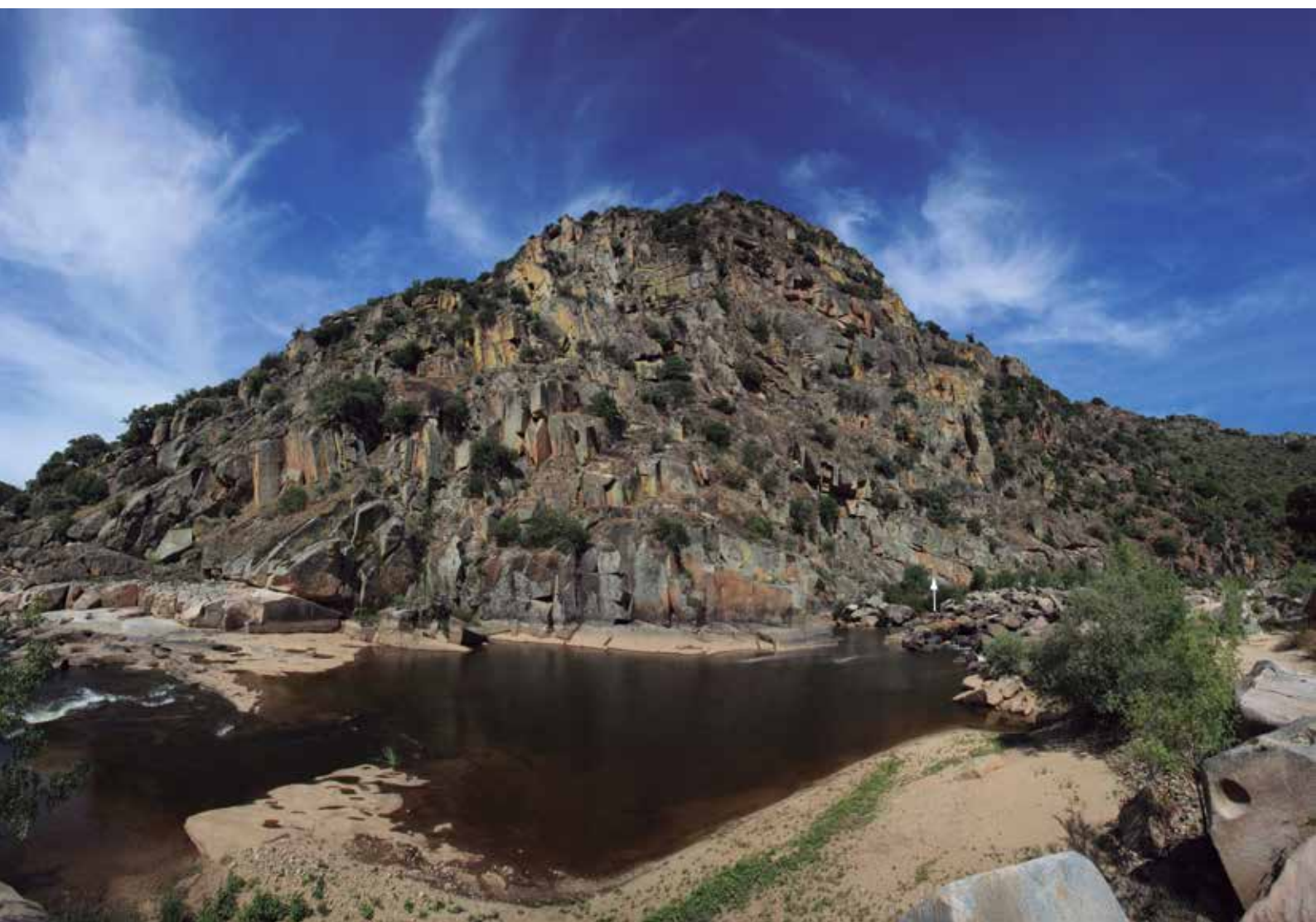


Fig. 7: A abrupta falésia granítica no sítio do Ervideiro, em cuja base se encontra a rocha 2, assinalada pela seta. Foto de Mário Reis.

projectos conectados e articulados entre eles e com a direcção e participação de equipas amplas, entre os quais os autores do presente texto. Um destes projectos, intitulado “*Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território*”, desenrolou-se entre 2019 e 2022, com a escavação de alguns sítios da Pré-história Recente na região do Côa, dos quais dois evidenciaram arte rupestre conectável com a ocupação detectada. Um é o sítio do Texugo, escavado em 2020 e com a descoberta de uma rocha com covinhas (CARDOSO *et al.*, 2021), e o outro é o Barrocal dos Lameiros, escavado em 2021 e onde se detectaram mais covinhas, assim como um abrigo com pinturas (MURALHA *et al.*, 2022). Também em associação a este projecto ocorreu a descoberta em 2021 de um grande conjunto de rochas com covinhas na zona dos Tambores, em associação a dois diferentes sítios com ocupação pré-histórica, em mais um exemplo, neste caso de grande espectacularidade, de associação de rochas com covinhas a contextos da Pré-história Recente.

Os outros dois projectos surgem em sucessão um ao outro, tendo por objectivo estudar os sítios com pinturas rupestres pré-históricas na região e os seus contextos arqueológicos. O projecto “*ART-FACTS. Contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa*”, desenrolado entre 2012 e 2016, ocupou-se especificamente dos sítios do Colmeal, Poço Torto, Lapas Cabreiras e Ribeirinha, mas tendo também ocasionado a descoberta dos sítios do Gamoal em 2012 e do Castelejo em 2014, para além de um novo abrigo com unhas do diabo no Colmeal, em 2015 (ALVES *et al.*, 2014; REIS *et al.*, 2017). Por fim, iniciado em 2020 e ainda a decorrer, o projecto “*LandCRAFT – os contextos sócio-culturais da arte da pré-história Recente no vale do Côa*”¹ tem um âmbito mais vasto que o anterior, e uma dedicação mais ampla ao registo, à conserva



Fig. 8: Uma panorâmica sobre o povoado pré-histórico do Barrocal dos Lameiros. A seta da esquerda assinala a rocha com covinhas, e a da direita o afloramento com vestígios de pintura. Foto de Mário Reis.

1 - Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do mencionado projecto com a referência COA/OVD/0055/2019.

-ção e à escavação (ALVES, 2020; ALVES & REIS, em preparação; CAETANO *et al.*, em preparação; CARDOSO *et al.*, em preparação), mas sendo de registar a detecção em 2021 de novos painéis pintados no abrigo das Lapas Cabreiras e de uma nova e muito relevante rocha em Vale de Videiro, também pintada e com motivos subnaturalistas.

Se os parágrafos anteriores reflectem alguma abundância e diversidade nas descobertas de arte rupestre da Pré-história pós-glaciar da região do Côa, é verdade que, como mencionado, a sua publicação é ainda escassa e se encontra algo dispersa e pouco sistematizada, algo que esperamos emendar no final do projecto LandCRAFT, sobretudo no tocante aos sítios com pinturas rupestres. Assim, são escassas e reduzidas as sínteses já feitas sobre este período na região do Côa (ALVES & COMENDADOR REY, 2017, 23-27; REIS, 2011, 76-78; REIS, 2014, 42-52), e a apresentação de rochas e motivos tem-se feito de forma ocasional e algo desgarrada. Para além dos textos já atrás mencionados, podemos relevar os seguintes. No conhecido Relatório de 1997, que se pode considerar a primeira apresentação de fôlego sobre a arte do Côa, e para além de um primeiro e resu-



Fig. 9: A abrupta falésia xistosa na encosta do Monte Texugo. A seta assinala a rocha 3 de Vale de Videiro. Foto de Mário Reis.

mido quadro geral da arte rupestre da região, são apresentados desenhos de rochas com figuras subnaturalistas, nomeadamente as rochas 3, 4, 32, 33 e 36 da Canada do Inferno (BAPTISTA & GOMES, 1997). No primeiro livro que surgiu sobre a arte do Côa, mais focado na arte paleolítica, são apresentadas algumas fotografias de motivos posteriores, e incluindo também o desenho completo da rocha 6 da Faia e parcial da rocha 1 de Vale

de Cabrões (BAPTISTA, 1999). Mais algumas fotografias surgem num texto que faz um primeiro ponto da situação do inventário da arte do Côa (BAPTISTA & REIS, 2008). Um pouco mais tarde são apresentados desenhos inéditos de quatro rochas do Côa (abrigo do Poço Torto, rochas 2 de Vale de Videiro, 3 de Vale de Figueira e 1 do Colmeal), num texto de síntese sobre a arte esquemática em Portugal (FIGUEIREDO & BAPTISTA, 2013). Finalmente, numa tese de doutoramento que publicou todos os desenhos de rochas da região com arte paleolítica até então feitos (SANTOS, 2017), estes incluíram pontualmente rochas com arte subnaturalista ou esquemática, nomeadamente as rochas 6 da Faia, 4 da Ribeira de Piscos, 7, 18 e 23 da Quinta da Barca, 3, 4, 5, 32, 33 e 36 da Canada do Inferno e 1 de Vale de Cabrões.

3. Os sítios com arte pré-histórica holocénica na região do Côa

Em números aproximados, a arte do Côa distribui-se ao longo dos últimos 34 quilómetros do rio Côa e dos 17 quilómetros adjacentes do rio Douro, para ambos os lados do ponto de encontro entre os dois rios. A sumária descrição que se segue dos sítios com figuras atribuíveis à Pré-história Recente respeita esta dualidade geomorfológica, introduzindo divisões adicionais baseadas nos principais acidentes geomorfológicos da região do Côa. Assim, no vale do Côa, para além da sequência de sítios ao longo das suas margens, separam-se aqueles situados ao longo de dois dos seus principais afluentes, a Ribeirinha e a Ribeira do Avelal. No Douro poderíamos ter introduzido três subdivisões geomorfológicas - Ribeira do Arroio, Ribeira de Aguiar e Monte Meão - mas, tendo cada uma um só sítio e não assumindo relevância na distribuição da arte rupestre, entendemos não ser necessária esta divisão. Há mais duas outras entidades geomorfológicas que merecem um apartado mas que não se relacionam unicamente com um dos rios, antes sim com os dois em simultâneo. O Monte de São Gabriel que, entre os dois rios, domina visualmente a região, e o Vale da Veiga, o grande vale tectónico que corre paralelamente ao Côa e atravessa o Douro. O critério de ordenamento dos sítios arqueológicos em todos estes diferentes vales é avançar de jusante para montante (independentemente das margens dos rios). A excepção, naturalmente, é o Monte de São Gabriel, onde esse critério não se aplica.

3.1. VALE DO CÔA

O sector terminal do rio Côa é geologicamente complexo, com o rio a correr quase linearmente de sul para norte e passando por diferentes formações geológicas, que incluem áreas graníticas, quartzíticas e xistosas, sendo nestas últimas, que se prolongam até à foz do Côa e para a adjacente área do Douro, onde se encontra a maioria dos sítios da arte do Côa. No entanto, a zona granítica apresenta igualmente sítios de grande importância, nomeadamente no que respeita à pintura pré-histórica. Neste momento, o inventário da arte do Côa mostra uma distribuição de sítios ao longo dos últimos 34 quilómetros do rio Côa, com o término da distribuição a ser assinalado por dois sítios paleolíticos no próprio Côa (Alto da Cotovia e Quinta da Moreirola) e pelo conjunto de sítios com pintura pré-histórica ao longo da bacia de um dos afluentes do Côa, a ribeira do Avelal (Mapa 1).

3.1.1. CAVALARIA

O sítio da Cavalaria encontra-se numa posição elevada face ao Côa, no término setentrional da área planáltica de geologia xistosa contida entre os dois rios, Côa e Douro, mas desenvolvendo-se numa encosta de suave pendente voltada ao Côa, antes da abrupta secção final. Do conjunto de oito rochas decoradas, maioritariamente da Idade do Ferro, a rocha 2 surge no ponto mais elevado do sítio, com vista privilegiada para os dois rios e o seu ponto de encontro (assim como para o Museu do Côa). É um afloramento pouco elevado do solo, embora com uma superfície de xistosidade mais alta e longa, de disposição oblíqua, voltada para o Côa, onde se dispersam espaçadamente quase uma dezena de pequenas covinhas. Poucas dezenas de metros para Norte, na base da elevação onde surge a rocha 2 e numa depressão abrigada do terreno, encontram-se materiais de superfície de cronologia pré-histórica, nomeadamente cerâmicas de fabrico manual. Este é um dos variados casos conhecidos na região de associação muito próxima entre rochas com covinhas e vestígios ocupacionais da Pré-história Recente, uma relação de proximidade comum aos oito sítios com covinhas inscritos na Tabela 1 e com muito raras exceções na região, as quais (rochas 2 da Ribeira da Volta e 28 da Canada do Inferno) não são assim incluídas neste quadro de referência². É uma associação contextual que tem sido consistentemente confirmada com a sucessão de vários achados de rochas com



Fig. 10: O ponto branco assinala a rocha 2 da Cavalaria. O pequeno olival visível à direita encontra-se na zona onde surgem materiais pré-históricos de superfície. Em pano de fundo são visíveis Vila Nova de Foz Côa e o Museu do Côa, e a seta assinala a confluência do Côa com o Douro. Foto de Mário Reis.

2 - Designam-se por ‘covinhas’ as depressões circulares abertas por percussão directa nas rochas que surgem isoladas ou formando conjuntos mais ou menos amplos, ocasionalmente estruturados. Estes motivos, cuja produção não requer grande complexidade técnica, sabemos serem intemporais e universais, pelo que a aferição de qualquer balizamento cronológico para gravuras desta natureza deve ter em consideração as relações de proximidade espacial com vestígios arqueológicos datáveis.

covinhas, por vezes em conexão com a escavação de sítios pré-históricos (é o caso dos sítios do Texugo, Barrocal dos Lameiros ou Alto das Malhadas, embora neste último a detecção das covinhas preceda a escavação), e que autoriza a (prudente) generalização da hipótese de que a maioria das covinhas na região do Côa pertença à Pré-história Recente, embora se deva ressaltar que essa associação não se pode estender, por defeito, à generalidade das rochas com covinhas, tendo sempre que se fazer uma avaliação contextual, quando possível.

3.1.2. NAMORADOS

A ribeira do Piçarral, onde se encontra o sítio dos Namorados, inicia-se no flanco Norte do Monte de São Gabriel e desagua na margem direita do Douro, a 2700 metros da foz do Côa, sempre em terrenos de geologia xistosa. O conjunto de sete rochas decoradas surge afastado do Côa, dispersando-se pelas margens da ribeira e por um dos seus afluentes, a mais de 1500 metros da embocadura da ribeira.

São três as rochas conhecidas com gravuras picotadas pertencentes à Arte Esquemática³. A rocha 1 surge isolada num afluente da ribeira principal, na transição entre o planalto e o vale profundo, logo acima de uma queda de água, e apresenta cerca de trinta “antropomorfos de cornos”, entre outras picotagens. As rochas 5 e 7 afas-



Fig. 11: Imagem da superfície com covinhas da rocha 2 da Cavalaria. Foto de Mário Reis.

3 - A Arte Esquemática é uma tradição artística pré-histórica que assim se convencionou designar nos alvares do século XX por oposição ao estilo naturalista que caracterizava a arte do Paleolítico Superior. É tipificada pela presença recorrente da representação da figura humana reduzida aos seus traços mais elementares. Atribui-se a origem desta tradição no ocidente peninsular aos momentos iniciais do Neolítico (5º milénio AC), prolongando-se até aos finais do Calcolítico/início da Idade do Bronze (finais do 3º/início do 2º milénio AC).

tam-se quase 300 metros em linha recta da rocha 1 e a uma cota muito inferior. Encontrando-se lado a lado no fundo da ribeira principal, a rocha 5 exhibe dois pequenos antropomorfos semelhantes aos da rocha 1, e a rocha 7 uma original representação de ofídio, de corpo ondulado e boca aberta.

3.1.3. CANADA DO INFERNO

A Canada do Inferno é um dos principais sítios da arte do Côa, reunindo um afamado acervo de arte paleolítica e de Época Moderna e, menos abundante e menos conhecido mas igualmente muito relevante, vários conjuntos de gravuras atribuíveis a momentos pós-paleolíticos, com relevo para figuras picotadas de estilo subnaturalista. O sítio, de geologia xistosa, corresponde a uma estreita ribeira afluente do Côa e que desagua na sua margem esquerda a 3400 metros da foz do Côa. As 46 rochas actualmente conhecidas distribuem-se de forma desigual, com algumas dispersas pelo troço final da ribeira, mas com a maioria a surgir nos maciços rochosos sobre o Côa, para ambos os lados da foz da ribeira. No entanto, é de assinalar que as sete rochas onde se assinalam gravuras pós-paleolíticas se concentram todas no mesmo maciço rochoso, o mais imponente do sítio e localizado sobre o Côa imediatamente a jusante da foz da ribeira. Trata-se das rochas 3, 4, 5, 29, 32, 33 e 36 e, deste conjunto, com a albufeira da barragem do Pocinho a afectar fortemente a Canada do Inferno, apenas a rocha 3 se encontra presentemente emersa e acessível.

A rocha 29 encontra-se na base do maciço rochoso, sabendo-se que corresponde a um pequeno abrigo com algumas gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”.⁴ As restantes rochas ostentam, para além de diferentes figuras paleolíticas, algumas figuras



Fig. 12: Panorâmica sobre o sítio dos Namorados, indicando-se a localização das rochas decoradas presentes conhecidas, com os números a designar as mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

4 - Gravuras lineares são obtidas por fricção repetida e linear na superfície rochosa, formando um traço de formato muito característico, normalmente de perfil em “V” e mais aprofundado na zona central. Tal como as covinhas, são um fenómeno intemporal e universal, dependendo de uma contextualização local e regional para a sua classificação cronológica e cultural. A designação “unhadas do diabo”, que provém das tradições locais transmontanas sobre este tipo de gravura, é atribuída às gravuras lineares que aparecem com alguma abundância ao longo da bacia do Douro Superior, e que poderão formar um grupo regional particular e específico deste género de gravura.



Fig. 13: Figura serpentiforme picotada na rocha 7 dos Namorados. Foto de Mário Reis.

de estilo geometrizar e menos naturalista, gravadas com a técnica de picotado disperso conhecida como “bago de arroz”. Nas rochas 3, 4, 5 e 32 as figuras são mais estilizadas, sendo difícil identificar a espécie representada. Na rocha 33 surge um veado, facilmente reconhecível pelas elaboradas hastes, enquanto a rocha 36 apresenta um conjunto de figuras mais naturalistas na zona central da rocha, juntando caprinos e peixes, rodeadas na periferia por outras, mais estilizadas e de difícil reconhecimento, numa organização espacial que sugere uma evolução diacrónica desta Arte Subnaturalista no sentido de uma progressiva perda de objetividade na representação pictórica.

Quanto às unhadas da rocha 29, das quais pouco mais se sabe para além de que existem, são as primeiras deste género de gravuras a aparecer nesta listagem de sítios, servindo para recordar que se mantêm as dúvidas sobre a atribuição cronológica e cultural deste tipo de gravuras, particularmente característico da bacia do Douro Superior (cf. SANCHES & TEIXEIRA, 2013; REIS & VÁZQUEZ MARCOS, em preparação), mas sendo possível reunir alguns argumentos no sentido de as considerar como sendo um fenómeno característico da Pré-história Recente, com um possível início no Tardiglaciário e terminando, possivelmente, já na Idade do Ferro (cf. REIS, 2014, 43-47; REIS & VÁZQUEZ MARCOS, em preparação),

3.1.4. VALE DE VIDEIRO

O sítio de Vale de Videiro corresponde ao troço final da ribeira com o mesmo nome e afluente da margem esquerda do Côa, assim como a parte da encosta adjacente sobre este rio para montante da foz da ribeira, a qual desagua a 4350 metros da foz do Côa. Integra um conjunto de três sítios em torno do chamado Monte Texugo (ou Teixugo), cujo topo corresponde ao sítio arqueológico do Texugo e sendo ladeado pelos sítios de Vale de Videiro a jusante e Vale de Figueira a montante. A encosta voltada ao Côa é rasgada por uma poderosa falésia rochosa, que se eleva em degraus e serve como linha divisória entre os dois sítios (cf. REIS, 2012, 25).

Conhecem-se aqui duas rochas com pinturas pré-históricas. No interior da ribeira de Vale de Videiro, a 300 metros da sua embocadura, a rocha 2 corresponde a um enorme afloramento sobranceiro à ribeira, que ostenta quatro diferentes painéis decorados com pintura esquemática, com alguns antropomorfos acompanhados por barras e motivos abstractos simples. Por seu lado, a rocha 3 encontra-se na parte inferior da falésia rochosa do Monte Texugo, cerca de 30 metros acima do actual nível do Côa. Na parte inferior do grande painel frontal da rocha surgem dois pequenos antropomorfos de feição subnaturalista (ALVES & REIS, em preparação).

3.1.5. TEXUGO

O topo do cabeço do Monte Texugo corresponde a um pequeno sítio arqueológico, cuja escavação em 2020 confirmou a existência de ténues vestígios de ocupação da Pré-história Recente e proporcionou a identificação de mais uma rocha com covinhas (CARDOSO *et al.*, 2021). Esta encontra-se na zona aplanada do cimo do cabeço, sendo um afloramento de xisto de formato subrectangular que se eleva cerca de um metro acima do solo. O painel decorado é o topo horizontal do afloramento e ostenta apenas cinco covinhas, pouco profundas e quase indetectáveis.



Fig. 14: Zoomorfo indeterminado subnaturalista na rocha 3 da Canada do Inferno. Foto de Mário Reis.

3.1.6. VALE DE FIGUEIRA

Apesar da designação, todas as nove rochas presentemente conhecidas no sítio de Vale de Figueira encontram-se distribuídas ao longo da margem esquerda do Côa, para ambos os lados da foz da ribeira, a montante do sítio de Vale de Videiro e chegando até à grande falésia rochosa do Monte Texugo. Apenas a rocha 1 se encontra associada diretamente à linha de água, localizando-se precisamente na sua embocadura e enfrentando já o Côa. As rochas 1 e 3 têm motivos enquadráveis na Pré-história Recente, motivos esses que se apresentam com alguma diversidade: técnica, formal e cultural.

As duas rochas apresentam quantidades significativas de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”, dispostas espacialmente de forma muito similar em ambos os casos: um amplo painel na periferia do afloramento repleto de algumas dezenas de

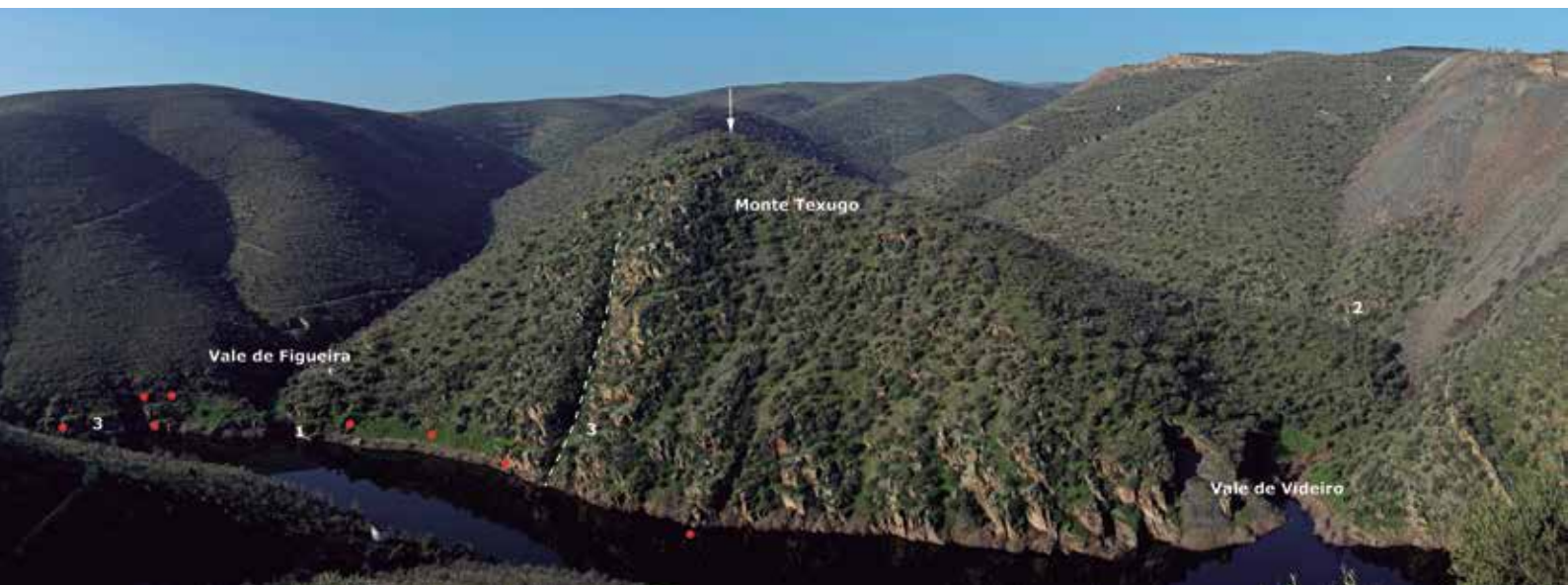


Fig. 15: Panorâmica sobre o Monte Texugo e os sítios rupestres associados. A seta assinala a posição aproximada da rocha com covinhas do sítio do Texugo. Indica-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas em Vale de Figueira e Vale de Videiro, com os números a designar as mencionadas no texto, e a linha tracejada a assinalar a separação convencional entre os dois sítios. Foto de Mário Reis.

unhadas, e mais dois ou três painéis ao longo do afloramento com apenas uma ou duas. De resto, ambas as rochas apresentam motivos de traço subnaturalista, com a rocha 3 a apresentar igualmente algumas figuras esquemáticas.

Na rocha 1, todas estas figuras foram obtidas por picotagem, do tipo “bago de arroz”, concentrando-se num único painel, onde partilham o espaço com figuras paleolíticas, maioritariamente incisões Tardiglaciares, às quais ocasionalmente se sobrepõem. Consistem em representações de animais, incluindo cervídeos e quadrúpedes indeterminados, todos de escasso naturalismo, e ainda um serpentiforme, entre outros picotados indeterminados. Na rocha 3, todas as figuras para além das unhadas são pintadas, distribuídas por vários pequenos painéis ao longo do afloramento, distinguindo-se pelo menos um antropomorfo e vestígios de um animal subnaturalista, a par de figuras esquemáticas.

3.1.7. FRAGA DO SENO

A Fraga do Seno é uma pequena e curta encosta xistosa sobre a margem direita do Côa, ligeiramente a montante de Vale de Figueira e a 5800 metros da foz do Côa, com um conjunto conhecido de oito rochas gravadas com figuras paleolíticas e da Idade do Ferro.

Na rocha 1, a maior e visualmente mais imponente do conjunto, surgem num pequeno painel três gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Embora as incluamos aqui no quadro de referência da Pré-história Recente, este é um caso em que esta associação se afigura como possível, mas problemática. Para além das unhadas se apresentarem um pouco menos patinadas e menos profundas do que o habitual, surgem também ao lado de um painel na mesma rocha com um relevante conjunto de figuras

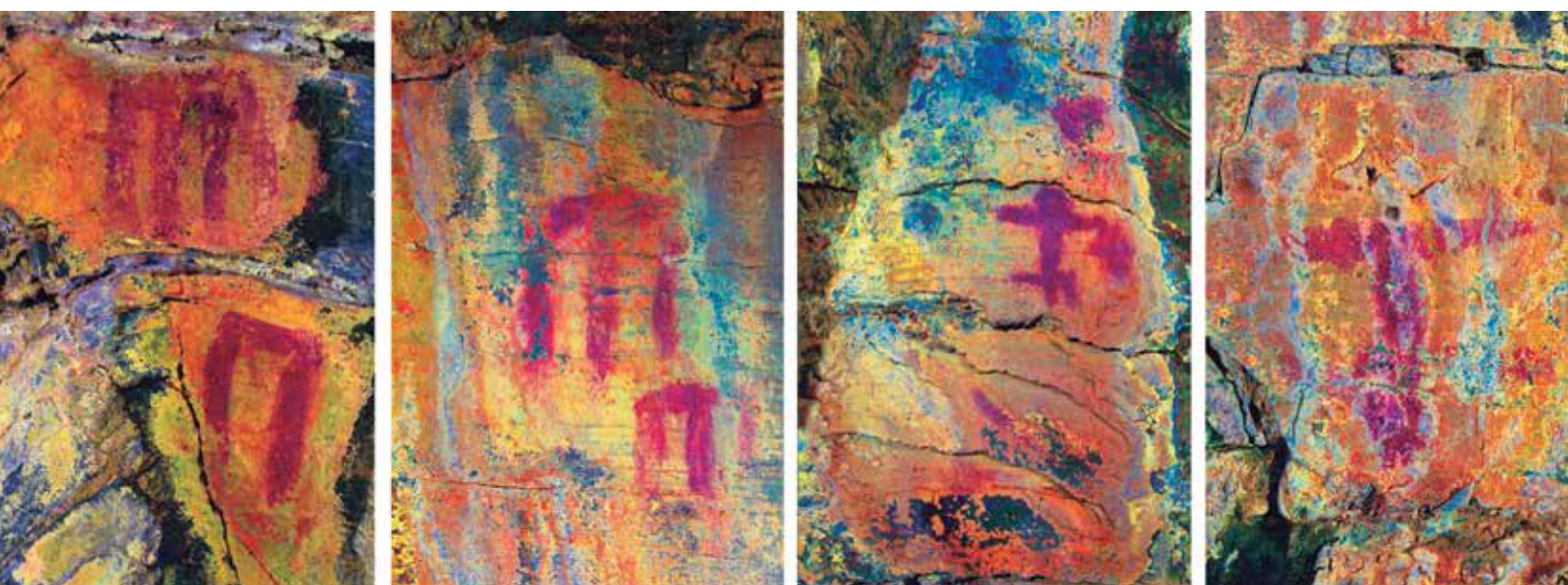


Fig. 16: Detalhe de algumas figuras esquemáticas pintadas da rocha 2 de Vale de Videiro (da esquerda para a direita: painéis A, B, C, D. Fotos de Mário Reis tratadas com DStretch).

da Idade do Ferro. Pode-se assim colocar a hipótese de já pertencerem a este último período, talvez como representantes dos momentos finais da execução de gravuras lineares na região, à semelhança do que acontece nas rochas 8 e 30 do sítio da Bulha, sobre o Douro, onde as unhadas são igualmente escassas e menos patinadas e misturadas com figuras da Idade do Ferro, no caso da rocha 30 registando-se mesmo uma sobreposição de uma unhada sobre traços deste período.

3.1.8. RIBEIRA DE PISCOS

Outro dos principais sítios da arte do Côa, a Ribeira de Piscos congrega 59 rochas decoradas com uma complexa matriz distributiva, ao longo dos terrenos xistosos da ribeira e de alguns dos seus afluentes, e estendendo-se às encostas sobre a margem esquerda do Côa para ambos os lados da embocadura da ribeira, que se encontra a 6800 metros da foz do Côa. Da Pré-história Recente conhecem-se quatro rochas que, com algumas dúvidas num caso ou outro, apresentam motivos de Arte Esquemática, maioritariamente pintados, mas também com duas figuras gravadas.

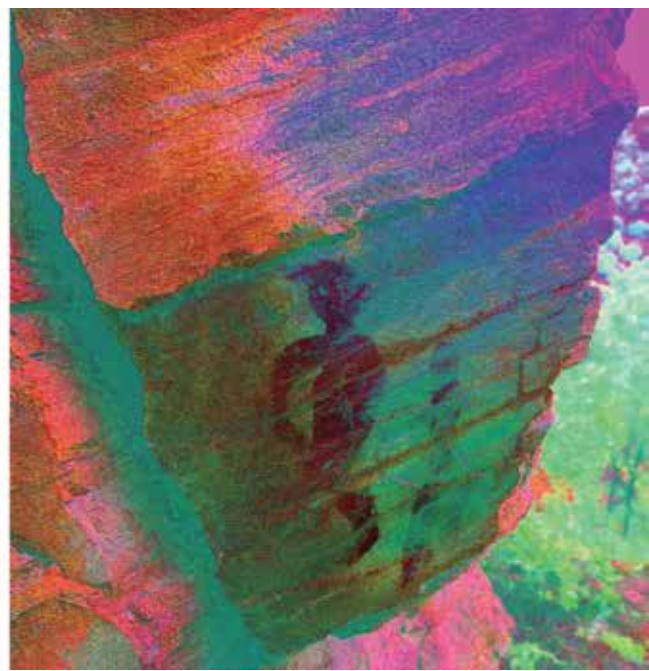


Fig. 17: Panorâmica sobre o sítio do Texugo tirada do lado oposto ao Côa (perceptível ao fundo, do lado direito), sendo visível no topo a rocha com covinhas, assinalada pela seta. Foto de Mário Reis.

Fig. 18: Rocha 3 de Vale de Figueira. À esquerda, aspecto do abrigo sobre o Côa. À direita, figuras esquemáticas no painel A. Foto de Lara Bacelar Alves, tratada com DStretch.

Fig. 19: Rocha 1 de Vale de Figueira. Detalhe de algumas gravuras. Conjunto de gravuras lineares (direita); dois exemplos de figuras picotadas de feição subnaturalista (esquerda e centro). Foto de Mário Reis.

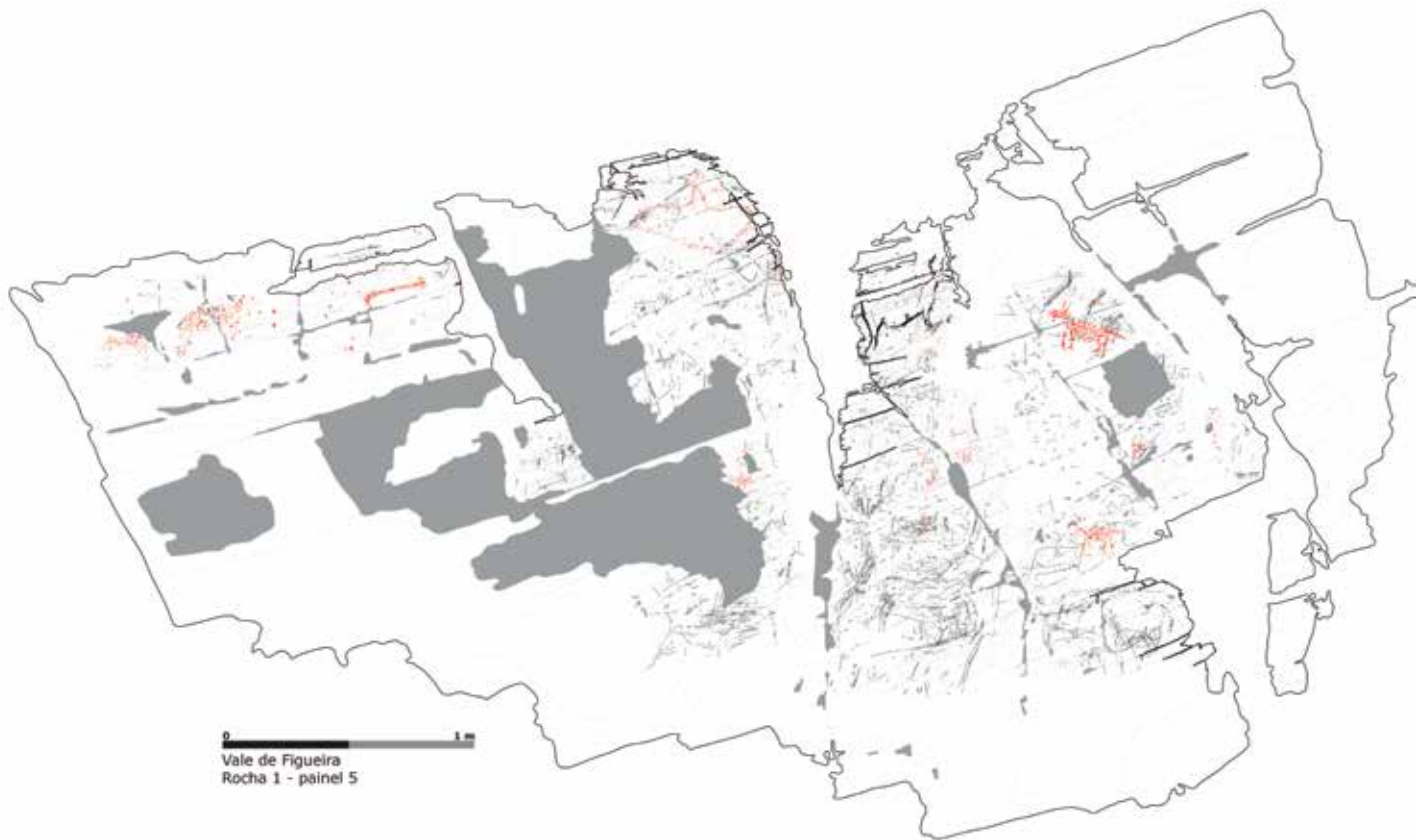


Fig. 20: Rocha 1 de Vale de Figueira. Desenho do painel onde se concentram as figuras picotadas de feição subnaturalista (a vermelho). A traço negro estão diversas figuras paleolíticas. Desenho feito a partir da montagem de várias fotografias, no âmbito do projecto LandCRAFT).

As rochas 18, 4 e 6 encontram-se no interior do vale da ribeira e na sua margem direita, a primeira correspondendo a um imponente afloramento isolado a 730 metros da confluência com o Côa, enquanto as rochas 4 e 6 integram um amplo conjunto rochoso no troço final da ribeira, a aproximadamente 250 metros da sua embocadura, a última num afloramento discreto na paisagem, mas a primeira num grande maciço rochoso que se destaca visualmente ao ser atravessado por um largo veio de quartzo branco. A rocha 14 encontra-se isolada sobre o Côa, a 160 metros da foz da ribeira, novamente num imenso e destacado afloramento.

A rocha 18 contém a maior colecção de figuras deste período neste sítio, com antropomorfos, barras, pontos e outras figuras de difícil percepção, todas pintadas e divididas por três painéis. A rocha 14 ostenta escassas pinturas num vasto painel vertical, com um conjunto de barras horizontais e dois motivos subtriangulares. Num dos muitos painéis decorados da rocha 6 encontra-se um motivo feito por picotagem dispersa tipo “bago de arroz”, pontualmente sobreposto a incisões paleolíticas, pouco perceptível mas que poderá corresponder a uma tosca versão de um “antropomorfo de cornos”. Por fim, na rocha 4 surge, num painel, um pequeno antropomorfo picotado e, no interior de um nicho abrigado e recuado, uma única e pequena mancha informe pintada, provavelmente também pré-histórica.

3.1.9. RIBEIRA DO IMPARIZ

Este sítio corresponde a uma longa ribeira que desce abruptamente a encosta que se estende do Monte de São Gabriel até à margem direita do Côa, desembocando neste a aproximadamente 8400 metros da sua foz. As duas rochas decoradas presen-

temente conhecidas surgem num afluente da ribeira principal, a quase 400 metros em linha recta da sua embocadura, numa implantação muito discreta e escondida na paisagem, embora com maior abertura visual para o Monte São Gabriel.

Apenas a rocha 1 tem um motivo atribuível à Pré-história Recente, um grande meandro ou serpentiforme, vivamente ondulado e executado na modalidade técnica do picotado “bago de arroz”. Sobrepõe-se à outra figura desta rocha, um veado paleolítico estriado Tardiglaciar. Não é fácil proceder à sua classificação, na medida em que poderá tanto ser comparado com o serpentiforme da rocha 7 dos Namorados ou com os meandros (ou serpentiformes) das rochas 1 de Vale de Figueira e 2 da Quinta da Barca Sul, o primeiro com um contexto nas proximidades da Arte Esquemática, os restantes inseridos em painéis repletos de figuras subnaturalistas.

3.1.10. PENASCOSA

Sendo mais um dos principais sítios da arte do Côa, a Penascosa é um cabeço xistoso e muito rochoso sobranceiro a um vasto terraço fluvial espreado pela margem direita do Côa, a aproximadamente 9950 metros da foz do Côa, com um conjunto de 38 rochas inventariadas, na sua maioria de cronologia paleolítica. No tocante à Pré-história Recente, começou por considerar-se que poderia haver um antropomorfo esquemático picotado na rocha 5, e mais tarde admitindo também a hipótese de que o antropomorfo inciso da rocha 17 poderia também ser pós-paleolítico. No entanto, actualmente, considera-se que estas gravuras deverão ser paleolíticas (cf. REIS, 2012, 35-36; 2020, 540).

Desta forma, apenas a rocha 19 têm algumas gravuras possivelmente atribuíveis a momentos culturais e cronológicos pré-históricos e pós-paleolíticos, concretamente um pequeno conjunto de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Inserida num vasto



Fig. 21: Panorâmica sobre a encosta da Fraga do Seno, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com o número a designar a rocha 1, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 22: Vista sobre a Ribeira de Piscos, numa imagem tirada do alto do Monte de São Gabriel. Os números assinalam as quatro rochas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 23: Rocha 4 da Ribeira de Piscos. À esquerda, aspecto geral da rocha, destacada na paisagem pelo grande veio de quartzo branco. À direita, pequeno antropomorfo esquemático. Fotos de Mário Reis.

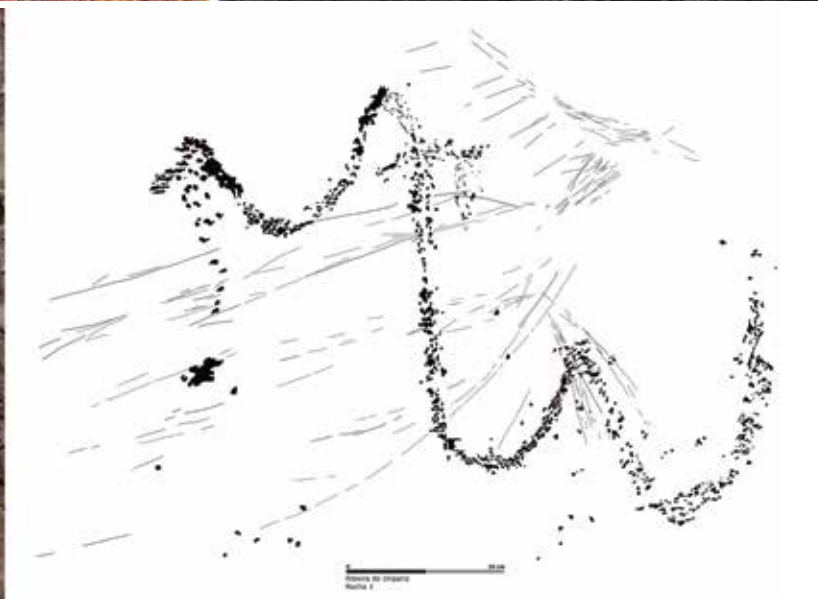
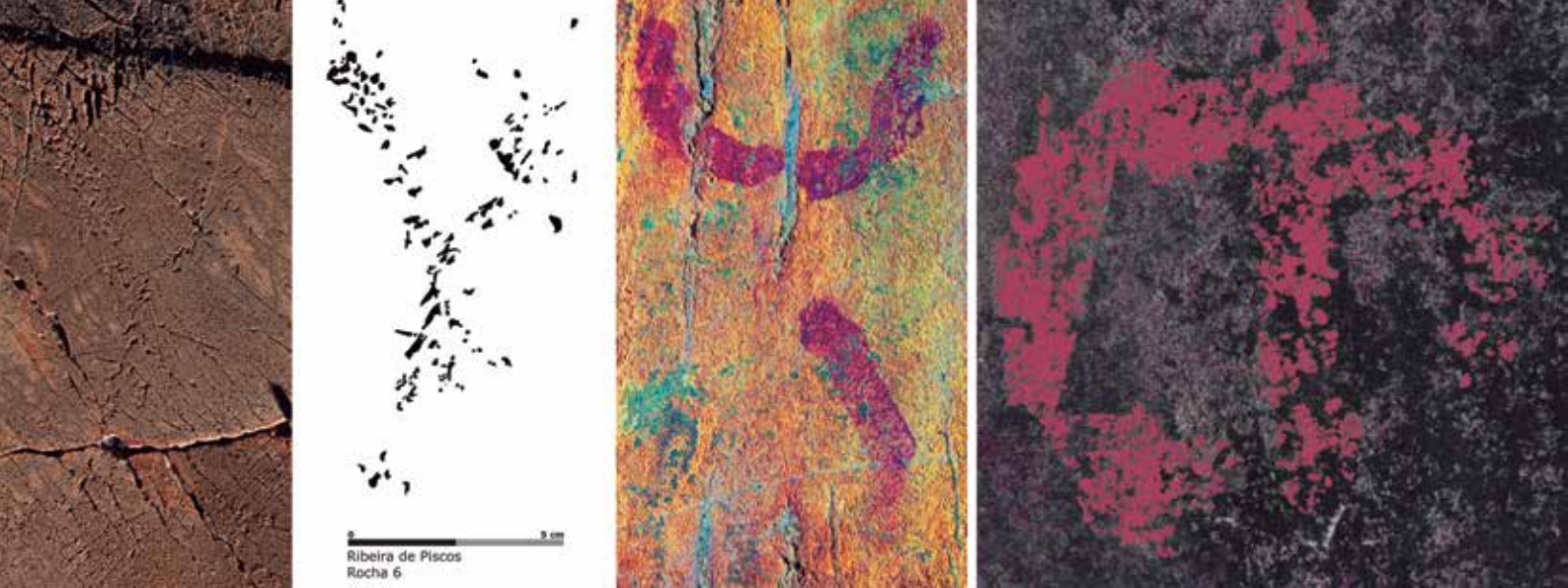


Fig. 24: À esquerda, possível “antropomorfo de cornos” na rocha 6 da Ribeira de Piscos, em fotografia e desenho sobre fotografia. À direita, figuras esquemáticas pintadas da rocha 18 da Ribeira de Piscos. Fotos de Mário Reis tratadas com DStretch).

Fig. 25: Meandro ou serpentiforme picotado da rocha 1 do Impariz sobreposto a um veado estriado Tardiglacial, em fotografia e desenho sobre fotografia. Foto de Mário Reis.

Fig. 26: Panorâmica sobre a Penascosa, indicando-se a localização das rochas decoradas. O número assinala a rocha 19, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 27: Conjunto de unhas no painel horizontal da rocha 19 da Penascosa. Foto de Mário Reis.

maciço rochoso na entrada jusante do cabeço da Penascosa, entre 10 a 20 metros acima do terraço, a superfície vertical da rocha 19 apresenta três destas gravuras lineares, sobrepostas a um grande veado Magdalenense. Na superfície, quase horizontal, na base do painel principal encontram-se mais quatro.

3.1.11. QUINTA DA BARCA

Situado nos terrenos xistosos sobre a margem esquerda do Côa e mesmo em frente à Penascosa, o sítio da Quinta da Barca reúne 60 rochas decoradas, na sua grande maioria com gravuras do Paleolítico Superior, com uma distribuição espacial bastante diversificada, dividida entre a ribeira da Quinta da Barca, um terraço elevado sobre o Côa e as encostas sobre o Côa e sobre o terraço. Deste amplo conjunto artístico, apenas três rochas apresentam motivos gravados do período em apreço, dispersas espaçadamente ao longo do Côa. Todas têm motivos integráveis no universo subnaturalista, a que se junta uma só figura antropomórfica esquemática.

A rocha 7 encontra-se quase no término montante do sítio, junto à embocadura da ribeira da Quinta da Barca, e exhibe dois animais picotados em “bago de arroz” e de estilo subnaturalista, possivelmente cervídeos ou caprinos. Também picotada e numa superfície sobranceira ao Côa em posição intermédia em relação às outras duas rochas, a figura da rocha 18 é de interpretação dúbia (cf. REIS, 2020, 539-540), mas poderá ser um animal indeterminado de estilo subnaturalista. Por fim, na rocha 23, situada no término jusante da Quinta da Barca, surgem dois cervídeos alinhados, executados mediante picotado disperso e de estilo subnaturalista, tendo ao lado uma figura humana muito estilizada, também picotada e pertencente à Arte Esquemática.

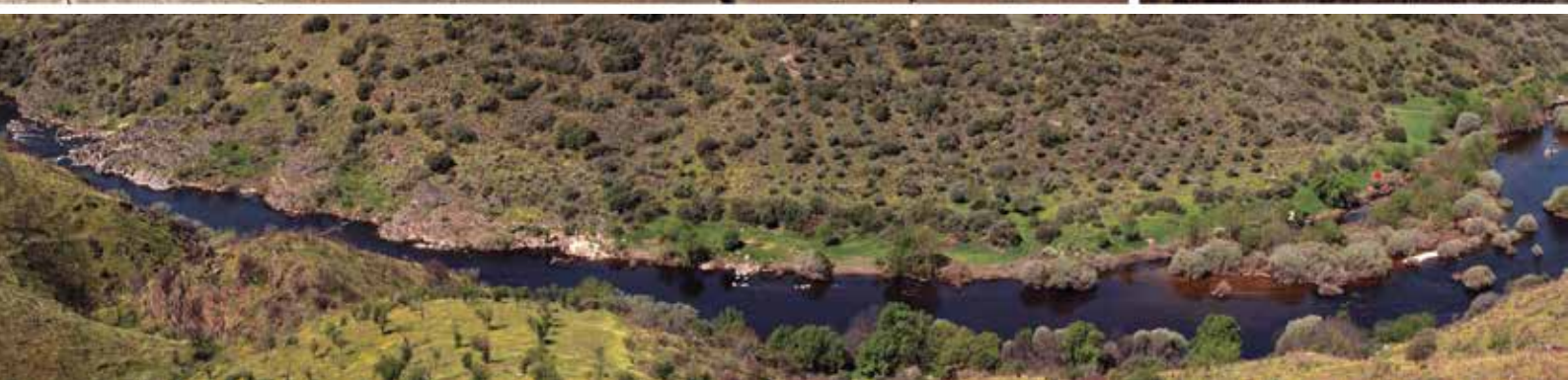


Fig. 28: A partir do alto da Penascosa, uma panorâmica sobre a Quinta da Barca, indicando-se a localização das rochas decoradas visíveis na imagem. Os números assinalam as três rochas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.
Fig. 29: Figuras picotadas na rocha 23 da Quinta da Barca. À esquerda, um duo de cervídeos de feição subnaturalista. À direita, um antropomorfo esquemático. Foto de Mário Reis.
Fig. 30: Terraço fluvial da Quinta da Barca Sul, indicando-se a localização das rochas decoradas, com o número a assinalar a rocha 2, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

3.1.12. QUINTA DA BARCA SUL

Como o nome indica, a Quinta da Barca Sul fica em posição meridional face ao mais conhecido sítio da Quinta da Barca, cerca de 600 metros para montante na mesma margem e a aproximadamente 10 500 metros da foz do Côa, ainda em terrenos de geologia xistosa mas já não longe da sua transição para a área granítica do Côa. Corresponde a um vasto terraço fluvial na margem esquerda do Côa, onde se identificaram duas rochas decoradas junto ao rio, uma com motivos paleolíticos e a outra (rocha 2), com figuras de feição subnaturalista.

O conjunto iconográfico, caracterizado por alguma diversidade estilística, divide-se por três painéis distintos. Ao centro, o maior dos painéis ostenta as figuras mais naturalistas e, possivelmente, as mais antigas, em traço picotado mais concentrado, destacando-se uma grande figura de caprino. Num painel mais pequeno do lado esquerdo encontra-se uma confusa amálgama de picotados dispersos, onde se distinguem com dificuldade alguns animais, incluindo um auroque bastante semelhante aos da rocha 1 da Faia. Mais fáceis de distinguir são as figuras da extremidade direita, já anexas ao rio e, por vezes, submersas quando este sobe um pouco mais, com uma composição ordenada, em picotados muito dispersos, que inclui um cervídeo e um serpenteiforme, intervalados por duas pequenas manchas circulares obtidas pela justaposição de diversas pequenas picotagens.

3.1.13. BARROCAL DOS LAMEIROS

Recentemente intervencionado no âmbito dos mais recentes projectos de investigação (MURALHA *et al.*, 2022), o sítio do Barrocal dos Lameiros é o primeiro (nesta listagem) a aparecer na área granítica do Côa, ficando aproximadamente a 15 850 metros da foz do rio, no topo de um cabeço rochoso que se eleva mais de 250 metros acima da margem direita do Côa. A prospecção superficial e a escavação revelaram a presença de vestígios de ocupação da Pré-história Recente, com fragmentos cerâmicos associados a diverso material lítico e abundantes elementos de moagem manual, dispersos ao longo da superfície aplanada do topo do cabeço e zonas declivosas imediatas, em diversas plataformas contidas entre abundantes batólitos graníticos.

Na zona central e mais aplanada, encontrou-se uma pequena rocha de topo horizontal onde foram gravadas duas profundas covinhas. Poucos metros ao lado apareceu uma pedra solta com mais duas covinhas. Contudo, o achado mais surpreendente do sítio ocorreu na sua extremidade Norte e no ponto mais elevado do cabeço onde, no interior de um caos de blocos muito irregular, se detectou uma superfície quase vertical e em zona de transição entre uma posição abrigada e a exposição plena aos elementos, e que apresenta algumas manchas pintadas. Muito delidas e de difícil percepção, ainda em fase de estudo mais aprofundado, observa-se a repetição de formas triangulares, que recordam um pouco manchas semelhantes na rocha 14 da Ribeira de Piscos. Por esta comparação, e pelo contexto arqueológico e cronológico associável, é possível que estas pinturas atípicas, quase seguramente da Pré-história Recente, integrem o universo da Arte Esquemática.



Fig. 31: Da esquerda para a direita, os três painéis decorados da rocha 2 da Quinta da Barca Sul, com diversas figuras de estilo subnaturalista. Foto de Mário Reis.

Fig. 32: Aspecto da rocha 1 do Barrocal dos Lameiros, com a seta a indicar a zona do painel onde surgem as pinturas. Foto de Mário Reis.

3.1.14. FAIA

Entre os primeiros sítios da arte do Côa a ser identificado, localizado a aproximadamente 18 500 metros da foz do Côa, o sítio da Faia é um dos mais especiais conjuntos rupestres da região, pela relação simbiótica entre as suas especificidades geomorfológicas e as singularidades do seu conjunto iconográfico. Este, não sendo especialmente amplo, reúne algumas gravuras modernas a pinturas pré-históricas e ainda a mais gravuras, desta feita paleolíticas, que fazem deste o único sítio conhecido no mundo a ostentar arte paleolítica ao ar livre em geologia granítica, recentemente enriquecida com o achado de uma terceira rocha deste período no âmbito do projecto LandCRAFT (REIS *et al.*, 2022a; 2022b).

A pintura pré-histórica surge em sete das dezanove rochas presentemente inventariadas, distribuídas junto às margens do Côa ao longo da metade norte da profunda e estreita garganta que constitui o sítio, numa extensão de quase 700 metros entre a primeira rocha pintada a aparecer na extremidade norte e as últimas do lado sul. De norte para sul, as pinturas vão aparecendo espaçadamente, com intervalos progressivamente mais curtos, começando na rocha 1 e seguindo para as rochas 2, 3 e 4, sempre ao longo da margem esquerda. Após a rocha 4, já no sector central da garganta e no seu sector mais monumental, as últimas três congregam-se num espaço curto, com as rochas 5 e 6 ainda na margem esquerda, tendo em frente a rocha 8, a única presentemente conhecida na margem direita.

A iconografia pintada divide-se em dois conjuntos distintos, um de feição subnaturalista e outro pertencente à tradição de Arte Esquemática. Esta última está presente nas rochas 2, 6 e 8, nas duas primeiras com algumas figuras antropomórficas simples e barras, na rocha 8 com maior abundância, incluindo antropomorfos e motivos geométricos variados. As representações subnaturalistas assinalam-se com segurança nas rochas 1, 3 e 5 e como possibilidade na rocha 8, ainda por estudar detalhadamente, sendo igualmente possível que as manchas algo indistintas da rocha 4 também pertençam a esta fase. Destacam-se as figuras antropomórficas nas rochas 1, 3 e 5, os grandes auroques da rocha 1 e a associação próxima entre figuras humanas e animais, desta feita em composições de pequena dimensão, também na rocha 1, a mais variada e original do conjunto.

3.1.15. ERVIDEIRO

Surgindo na continuação para montante da Faia, o Ervideiro corresponde igualmente a uma garganta granítica no Côa, a 19 900 metros da foz do Côa. Para além de uma rocha com picotagens modernas, apresenta duas rochas com pinturas pré-históricas, com um conjunto figurativo que se caracteriza pela escassa presença de representações típicas da Arte Esquemática e singularidade das representações humanas e animais de traço subnaturalista (ALVES, REIS, em preparação). As pinturas surgem em afloramentos ou contextos de alguma monumentalidade, com destaque para a rocha 2, junto à margem e tendo em frente, do outro lado do estreito rio, amplas bancadas rochosas polidas pelas águas e de destacada cor branca.

Na margem esquerda, a rocha 1 exhibe dois pequenos painéis com pinturas rupestres contíguos na base de um grande afloramento, onde se assinala a associação entre figuras humanas e animais subnaturalistas, tal como parece suceder também na

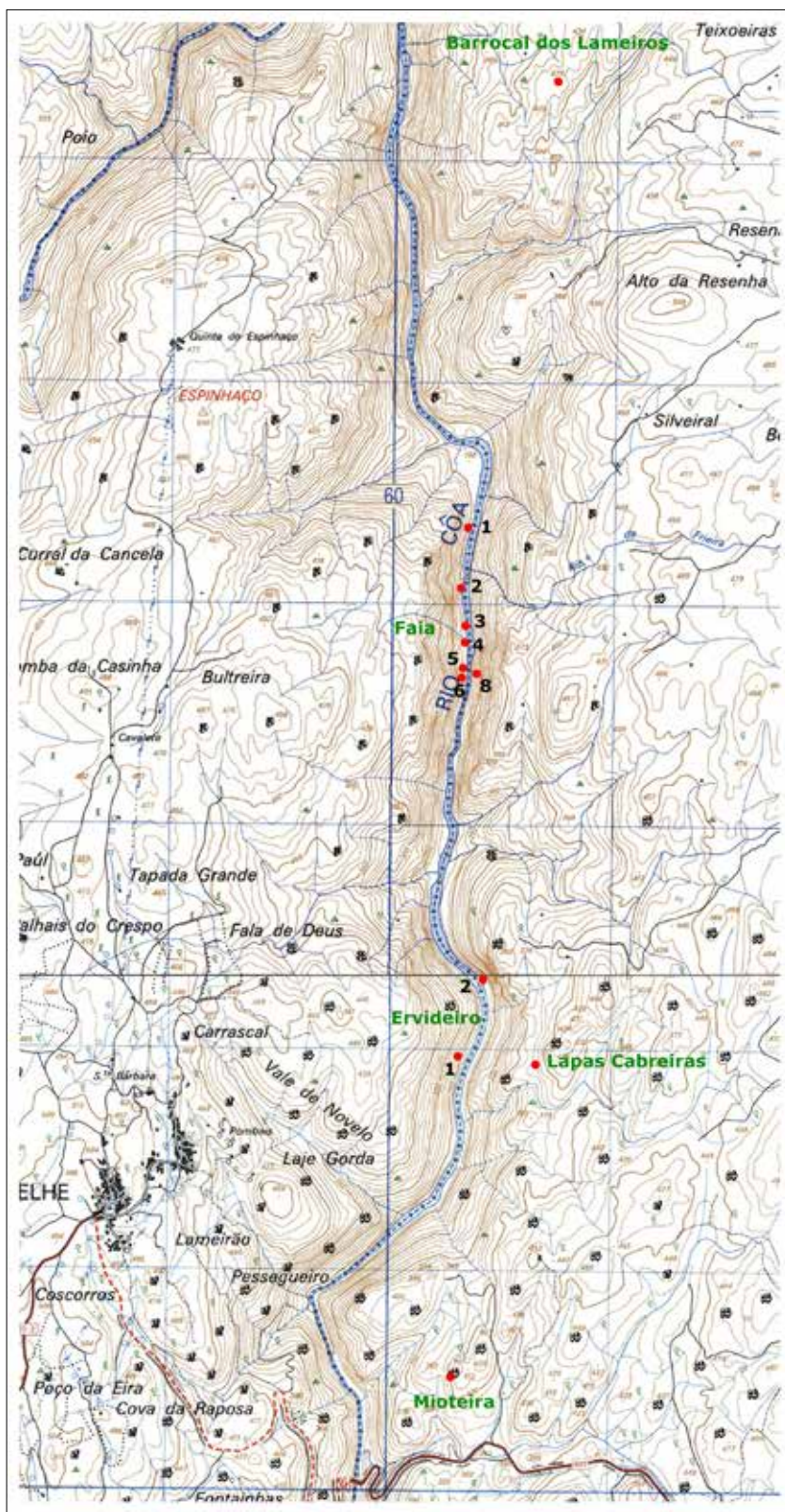


Fig. 33: Localização das rochas com pintura pré-histórica no conjunto de cinco sítios no princípio da área granítica do vale do Côa. As rochas dos sítios da Faia e Ervideiro são distinguidas pelo número (Carta Militar de Portugal - escala 1:25,000, Instituto Geográfico do Exército, extracto das folhas 151 e 161).

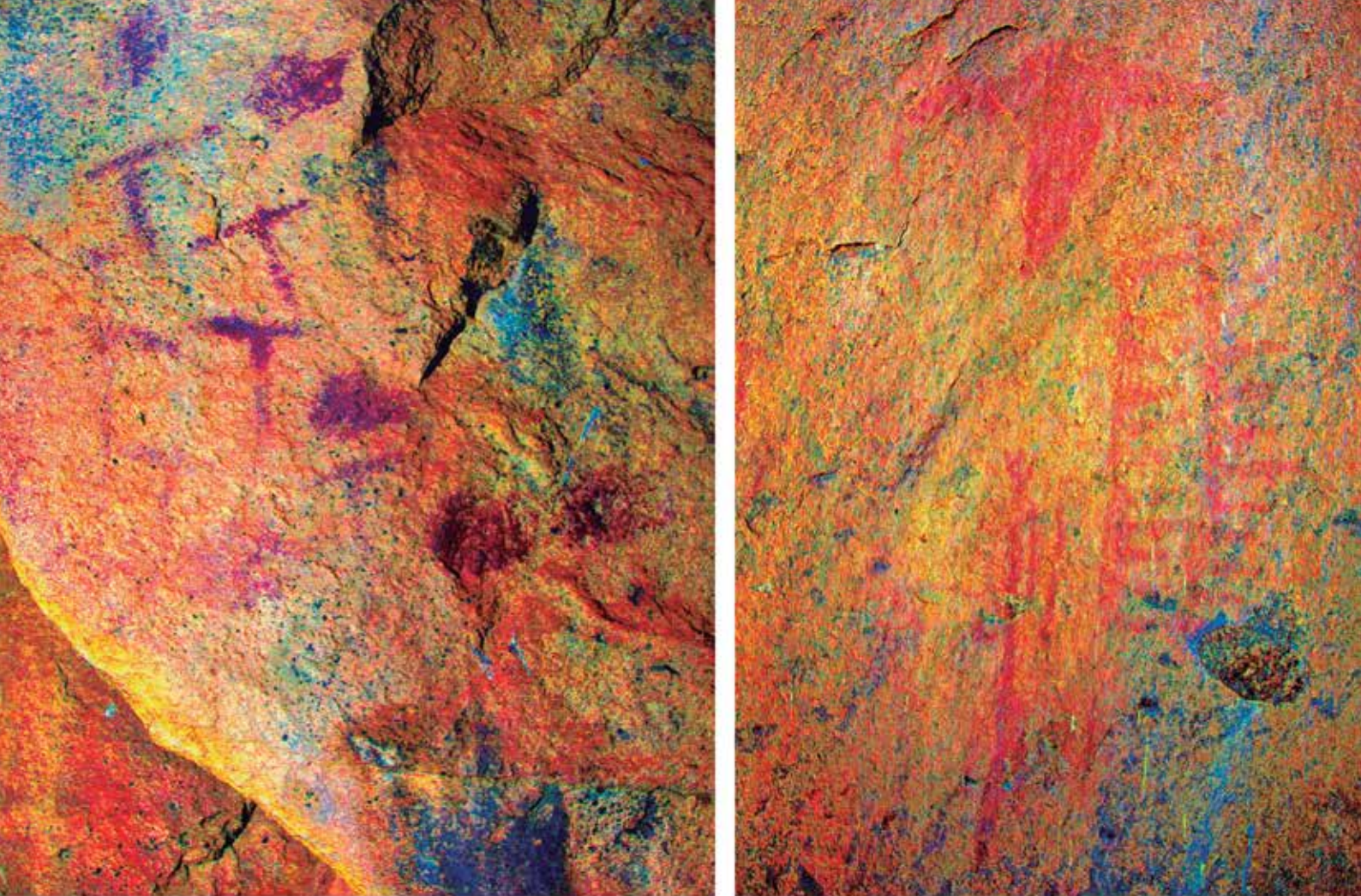


Fig. 34: Conjuntos de figuras esquemáticas pintadas na Faia: à esquerda, rocha 2; à direita, rocha 8. Fotos de Mário Reis, tratadas com DStretch.

rocha 2. Esta implanta-se na base de uma abrupta falésia, que se impõe na paisagem, na margem oposta e quase 400 metros para Norte da rocha 1. O estudo monográfico do sítio do Ervideiro, incluindo o registo gráfico das pinturas, está, no momento em que se escrevem estas linhas, em curso no âmbito do projecto LandCRAFT.

3.1.16. LAPAS CABREIRAS

O grande abrigo granítico das Lapas Cabreiras encontra-se na orla planáltica sobre a margem direita do Côa, imediatamente acima da profunda garganta correspondente ao sítio do Ervideiro, abrindo-se na base de um cabeço rochoso e sobranceiro a uma ampla plataforma antes da queda final para o Côa. Com um importante conjunto iconográfico de Arte Esquemática, sobretudo pintado mas também com alguns exemplares gravados, tem vindo a ser escavado nos últimos anos no âmbito dos projectos *ART-FACTS* e *LandCRAFT* (REIS *et al.*, 2017; CARDOSO *et al.*, em preparação) e a revelar vestígios de actividades humanas relacionáveis com diferentes fases de ocupação, algumas das quais conectáveis com o período atribuível à vigência da Arte Esquemática que ostenta em diversos painéis e outras que sugerem umas primeiras ocupações do sítio mais antigas do que o suspeitado.

Ao longo do monumental maciço granítico identificaram-se quatro painéis com pinturas rupestres e dois com gravuras: um antropomorfo em *fi* no painel 4 e uma outra figura antropomórfica muito toscamente gravada no painel 3. Relativamente às pinturas, há algumas dúvidas sobre a classificação das presentes nos painéis 2 e 6. O primeiro corresponde a um fragmento do que teria sido um painel maior que se



Fig. 35: Algumas figuras pintadas na rocha 2 do Ervideiro. À direita, figura humana de feição subnaturalista no painel 4. À esquerda, composição no painel 1, juntando elementos estilísticos de cariz esquemático e subnaturalista, e tendo mais figuras esquemáticas do lado inferior direito. Fotos de Mário Reis, tratadas com DStretch.

terá desprendido do interior do abrigo e hoje jaz à superfície do solo, restando apenas uma mancha de pintura. No painel 6 surge um conjunto de três figuras antropomórficas, duas das quais parecem agregar características estilísticas e formais ora mais próximas da Arte Esquemáticas, ora das representações de carácter subnaturalista, concretamente na figuração da cabeça e pés. Os painéis 1 e 5 têm figuras tipicamente esquemáticas, o painel 5, situado em zona de tecto, com antropomorfos e barras, e o painel 1 com a maior colecção de figuras pintadas na região do Côa, reunindo múltiplos antropomorfos, alguns zoomorfos, muitas barras, alguns motivos geométricos, e um motivo solar. Num painel em que a maioria das figuras aparece extremamente desmaiada e parcial ou totalmente encobertas por crostas minerais (cf. CAETANO *et al.*, em preparação), a utilização do *DStretch* revelou-se absolutamente essencial na compreensão da iconografia, como aliás na maioria das rochas pintadas da região, e nomeadamente no subjacente sítio do Ervideiro, com problemas similares. Refira-se também que dentro da iconografia do painel 1 surgem diversas representações de mãos, um elemento de grande originalidade regional, e que se detectam neste vasto painel diferentes fases de execução, com variedade de pigmentos e de técnicas de execução, com motivos pincelados, digitados, e até raspados directamente na superfície com um fragmento de ocre.

3.1.17. MIOTEIRA

A rocha granítica da Mioteira situa-se na margem direita do Côa a 1500 metros a Sul do abrigo das Lapas Cabreiras, com o qual partilha algumas características na implantação: surge na encosta de um pequeno cabeço rochoso enfrentando um vasto espaço antes da queda para o Côa, incluindo um amplo cabeço com vestígios de ocupação pré-histórica. A rocha corresponde a um batólito saliente na encosta, com uma superfície abaulada externamente, sem qualquer protecção face aos elementos e de textura muito irregular. Neste painel surgem variadas manchas de pigmento vermelho, quase sempre



Fig. 36: Panorâmica sobre os sítios do Ervideiro, onde se assinalam as rochas 1 e 2, e das Lapas Cabreiras, com o abrigo indicado pela seta. Foto de Mário Reis.

Fig. 37: Abrigo das Lapas Cabreiras, indicando-se o posicionamento de todos os painéis com arte rupestre. Foto de Mário Reis.

muito degradadas e de difícil percepção, mas onde se poderá distinguir, embora com dúvidas, pelo menos um antropomorfo esquemático.

3.2. VALE DA RIBEIRINHA

Com quase 20 quilómetros de extensão, a Ribeirinha é um dos principais afluentes do sector terminal do Côa, nascendo no planalto granítico no sopé norte da



Fig. 38: Sector direito do painel 1 das Lapas Cabreiras, com várias sobreposições e diferentes técnicas usadas para realizar pinturas. Foto de Mário Reis tratada com DStretch.

Serra da Marofa e desembocando na margem direita do Côa junto ao cabeço da Penascosa, já em terrenos de geologia xistosa e a aproximadamente dez quilómetros da foz do Côa. Os três sítios em seguida descritos encontram-se todos na zona granítica, dois deles, Fumo e Gamoal, situados frente a frente junto à transição dos granitos para os xistos, e o abrigo da Ribeirinha ligeiramente mais a montante.

3.2.1. FUMO

O sítio do Fumo corresponde a uma plataforma abrigada e depressionada a meia encosta sobre a margem esquerda da Ribeirinha e a profunda garganta que esta faz na transição geológica dos granitos para os xistos, a 3400 metros da foz da Ribeirinha, sendo aqui conhecidos importantes vestígios de ocupação da Pré-história Recente (CARVALHO, 2004). Na margem oposta situa-se o sítio do Gamoal. A plataforma com ocupação é delimitada a norte por uma crista rochosa mais elevada, na base da qual, e enfrentando directamente a zona com vestígios de ocupação, surge um afloramento granítico, de face aplanada e preenchida por variadas covinhas, de dimensão inusualmente grande.

3.2.2. GAMOAL

O Gamoal situa-se na margem direita da Ribeirinha em frente ao Fumo, formando uma imponente falésia granítica na transição geológica mencionada, e é um sítio arqueológico complexo, com amplas zonas de dispersão de materiais de superfície pré-históricos, em topografias diferentes e maioritariamente em terrenos graníticos, que se juntam a uma possível rocha pintada.

Esta surge num grande e destacado batólito granítico no topo da elevada falésia sobre a Ribeirinha, com o painel decorado a descair para a abrupta queda de dezenas de metros. Apresenta unicamente uma pequena mancha vermelha, que se distingue



Fig. 39: Superfície pintada da rocha da Mioteira, exposta aos elementos sobre uma saliência rochosa. Foto de Mário Reis.

das naturais presentes na superfície e parece corresponder a pigmento. No entanto, e apesar de uma certa aparência que remete para um antropomorfo esquemático, é uma mancha quase informe e de classificação problemática, não sendo seguro, antes de um estudo detalhado, se é efectivamente um vestígio de pintura.



Fig. 40: A partir do Monte de São Gabriel, vista sobre o vale da Ribeirinha, com as setas a indicar as rochas decoradas de cada um dos três sítios assinalados. Foto de Mário Reis.

3.2.3. RIBEIRINHA

O abrigo da Ribeirinha constitui o terceiro e mais importante elo no trio de sítios com arte rupestre no término da área granítica deste vale. Encontra-se na margem direita da Ribeirinha e encostado ao seu leito, entre 700 a 800 metros para montante dos sítios do Fumo e Gamoal, onde o vale, adoptando já um notório entalhe na paisagem, se encontra numa zona intermédia entre a profunda garganta na transição geológica e o discreto entalhe na área planáltica.

O abrigo decorado abre-se na base de um grande conjunto rochoso, impondo-se imediatamente ao olhar de quem se aproxima face aos restantes afloramentos, apesar da posição discreta no fundo do vale o esconder na paisagem a distâncias maiores. Uma son-



Fig. 41: Vista sobre o sítio do Fumo, com a seta a assinalar a rocha com covinhas, mostrada em maior detalhe na imagem da direita. Foto de Mário Reis.

dagem feita no âmbito do projecto *ART-FACTS* revelou poucos vestígios de ocupação pré-histórica (REIS *et al.*, 2017, 103). Apresenta três painéis com pintura, com o maior e mais importante, o painel 1, a constituir a parede de fundo do abrigo em posição perpendicular à ribeira, e também ao painel 2, que enfrenta a ribeira e sustenta o painel 3, este com uma única mancha informe de pigmento.

O conjunto iconográfico, com dezenas de representações, pertence claramente à Arte Esquemática, embora se mantenham as dúvidas se no painel 1 não poderá haver uma ou outra figura de traço subnaturalista. Em grande medida estas dúvidas devem-se ao mau estado de conservação do conjunto pintado, sobretudo no painel 1, onde os abundantes vestígios de pintura se reduzem hoje maioritariamente a manchas quase informes, distinguindo-se com dificuldade algumas figuras concretas. Estas são, sobretudo, figuras antropomórficas, tipicamente esquemáticas e de tipologias algo variados. O painel 2 apresenta-se em melhor estado de conservação, distinguindo-se pelas muitas barras digitadas, isoladas ou formando composições, a que se associam um ou outro antropomorfo.

3.3. VALE DA RIBEIRA DO AVELAL

Esta longa ribeira, com mais de 22 quilómetros de extensão, desenvolve-se ao longo do flanco sul da Serra da Marofa, desaguando na margem direita do Côa a quase 30 quilómetros em linha recta da foz do Côa, que sobem para aproximadamente 34



Fig. 42: A seta assinala a rocha pintada do Gamoal, sobre a íngreme falésia sobre a margem direita da Ribeirinha. Foto de Mário Reis.

quilómetros se medidos ao longo do curso do rio. Embora nascendo em terrenos graníticos, desenvolve-se sobretudo em terrenos xistosos, abrangendo a sua bacia algumas manchas quartzíticas junto à serra. O sítio do Colmeal surge numa destas manchas, num afluente da ribeira principal, e os outros dois sítios, Poço Torto e Castelejo, encontram-se em terrenos xistosos na área intermédia da ribeira, entre o vale muito encaixado nos quilómetros finais da ribeira e o entalhe superficial dos quilómetros iniciais.

3.3.1. COLMEAL

Junto com Vale d'Arcos e São Gabriel, o Colmeal é um dos raros sítios da arte do Côa em geologia quartzítica, e o mais importante dos três. Associa-se a uma crista quartzítica na base da serra da Marofa, numa área de transição entre quartzitos e xistos, localizada na margem esquerda da pequena ribeira do Colmeal, a 2270 metros da sua embocadura na ribeira do Avelal a qual, por sua vez, se encontra a 4770 metros da embocadura desta última no Côa.

São aqui conhecidos quatro abrigos decorados, três deles em sequência na base da crista quartzítica e o abrigo 4 situado 200 metros para Norte, numa pequena mancha xistosa imiscuída no meio dos quartzitos, e que apresenta um pequeno conjunto de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”.



Fig. 43: Ao centro, assinalado pela seta, o abrigo da Ribeirinha, destacado na sua margem direita. À esquerda e à direita, algumas pinturas esquemáticas dos painéis 1 e 2, respectivamente. Foto de Mário Reis.

Os outros três abrigos apresentam diversos painéis com pinturas esquemáticas, com grande relevo para o abrigo 1, profusamente decorado com grande quantidade de figuras antropomórficas e alguns motivos geométricos simples, ou para o abrigo 3, com um excelente antropomorfo em *fi* ou, noutro painel, com as únicas pinturas a preto até ao momento claramente identificadas na região do Côa, com três figuras idênticas e algo peculiares, talvez antropomórficas.

3.3.2. POÇO TORTO

O abrigo do Poço Torto surge isolado na margem esquerda da ribeira do Avelal, a 7350 metros da sua embocadura e a 2900 metros em linha recta dos abrigos do Colmeal. Apresenta dois painéis pintados, um deles pequeno e muito mal conservado e de difícil interpretação, mas provavelmente com restos de pinturas esquemáticas. O painel principal é de grande dimensão e mais bem conservado, com figuras pintadas que, formalmente, apresentam características diferenciadas. Algumas pertencem ao universo da Arte Esquemática, embora pouco típicas, com variados motivos geométricos pintados



Fig. 44: A partir da serra da Marofa e com o Côa como pano de fundo, uma panorâmica sobre a ribeira do Avelal, com as setas a indicar as rochas decoradas de cada um dos três sítios assinalados. Foto de Mário Reis.



Fig. 45: Panorâmica sobre o sítio do Colmeal, indicando-se a localização das rochas decoradas e mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

a vermelho associados a uma figura solar, também vermelha, e a uma outra figura “soliforme”, desta feita pintada a branco, a única até ao momento detectada na região do Côa, e que se pode descrever sucintamente como um círculo incompleto raiado externamente, com continuação para o interior numa linha ondulada e ramificada. Sendo este o conjunto principal e visualmente mais atractivo do painel, outras figuras aparecem dispersas pela superfície, ainda por estudar mais aprofundadamente e, na sua maioria, extremamente delidas, mas sendo possível que algumas pertençam a momentos mais antigos.

3.3.3. CASTELEJO

O abrigo do Castelejo situa-se na margem esquerda da ribeira do Avelal, 1560 metros em linha recta a montante do abrigo do Poço Torto, distância que, medida ao longo da ribeira e com a sua elevada sinuosidade, aumenta para 2600 metros. Trata-se de um afloramento discreto a meia encosta, muito escondido na paisagem, apenas bem perceptível da margem oposta, num cabeço em esporão rodeado pela ribeira, com o

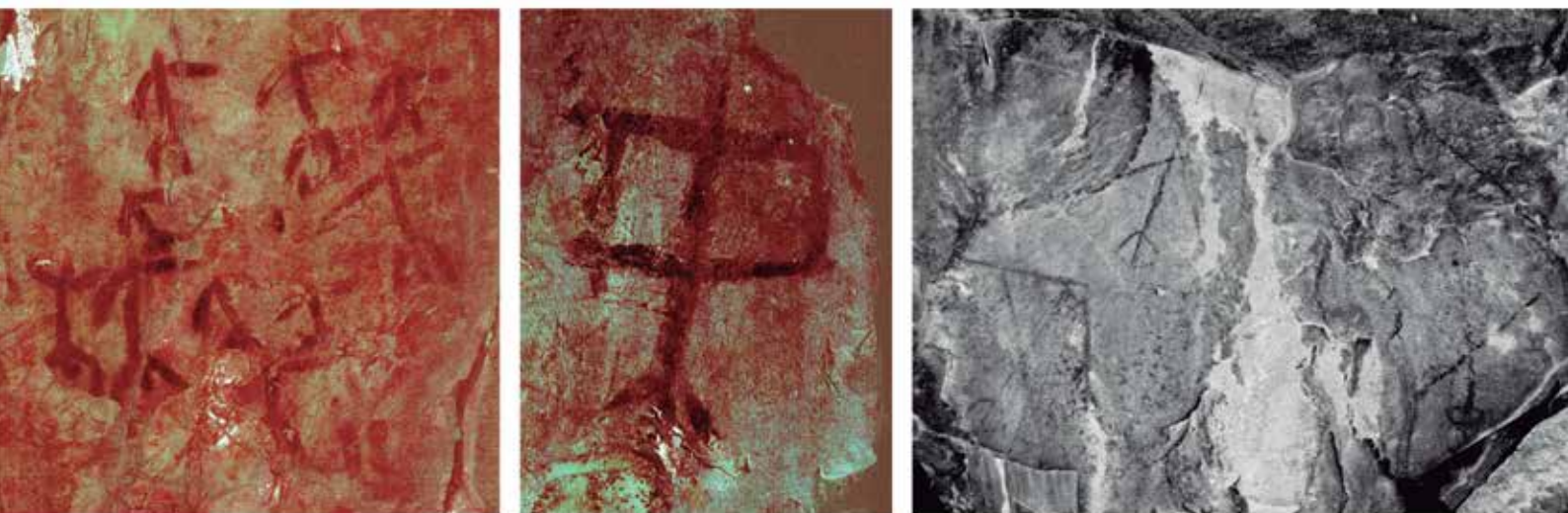


Fig. 46: Algumas das figuras esquemáticas dos abrigos do Colmeal. À esquerda, conjunto de antropomorfos do abrigo 1. Ao centro, antropomorfo em fi do abrigo 3. À direita, figuras pintadas a negro no abrigo 3. Fotos de Mário Reis.



Fig. 47: Fernando Barbosa e o painel principal do abrigo do Poço Torto, por altura do seu registo em 2004. Foto de Manuel Almeida.

topónimo “Castelejo” e com aparentes excelentes condições para a existência de vestígios arqueológicos pré-históricos, mas onde nada se encontrou que demonstre inequivocamente a sua existência (REIS *et al.*, 2017, 99). Ainda não estudado, o abrigo tem um único painel, de pequenas dimensões, com vestígios de pintura, claramente esquemática pese embora a ausência de motivos figurativos, consistindo unicamente em algumas barras e pontos.

3.4. VALE DO DOURO

Sendo claro que as mais antigas manifestações da arte rupestre na região do Côa foram desenvolvidas no interior do próprio vale do Côa, a sua expansão para as margens do Douro para ambos os lados da embocadura do Côa ocorreu muito cedo, conhecendo-se hoje uma distribuição de numerosos sítios rupestres ao longo de aproximadamente 17 quilómetros, entre a zona do Pocinho para jusante e o grande terraço fluvial da Quinta da Pipa para montante. Toda esta área é quase integralmente de geologia xistosa, exceptuando apenas a zona quartzítica que se inicia no alto da encosta sobre a margem direita do Douro, um pouco a montante da foz do Côa, e se prolonga por algumas dezenas de quilómetros, com uma pequena parte a integrar o que chamamos a região do Côa.

3.4.1. ALTO DAS MALHADAS

Após atingir a zona tectónica do Vale da Veiga, o Douro descreve uma longa e apertada curva que delimita no seu interior uma vasta área granítica conhecida como



Fig. 48: Abrigo do Poço Torto. Foto de Mário Reis.

Monte Meão, culminando num cabeço conhecido como Alto das Malhadas, que se eleva mais de 350 metros acima da margem esquerda do Douro. Este cabeço corresponde a um importante sítio arqueológico, com materiais de superfície espalhados por uma vasta área, onde se reconhecem derrubes de estruturas próprias de um recinto murado. Se, numa primeira avaliação, o balizamento cronológico deste recinto oferecia margem para dúvidas, entre a Pré-história Recente e a Idade do Ferro, a intervenção arqueológica recentemente realizada no âmbito do atrás mencionado projecto RARAA permite circunscrever melhor o contexto arqueológico do sítio. Num projecto a decorrer e de resultados ainda inéditos, uma recente exposição levada a cabo em Vila Nova de Foz Côa, em exibição precisamente na altura em que se escrevem estas linhas, mostra uma ocupação neste sítio limitada à Idade do Bronze.

Desta forma, e a menos que novos achados revelem contextos estratigráficos e cronológicos mais amplos, o mais natural é fazer a associação entre esta ocupação do II milénio a.C. e o conjunto de três rochas com covinhas que se encontram na base do povoado. Concentradas num curto espaço, externo e agregado ao lado sul da estrutura visível do recinto murado, correspondem a afloramentos de superfícies horizontais pouco elevadas do solo, onde se reconhecem diversas covinhas.

3.4.2. RIBEIRA DO ARROIO

O conjunto de quatro rochas decoradas do sítio da Ribeira do Arroio, que não se deve confundir com outras localizadas muitos quilómetros mais acima, junto à confluência da ribeira das Olgas com a ribeira do Arroio (ALVES & OLIVEIRA, 2008),



Fig. 49: À esquerda, panorâmica do sítio do Castelejo, com o abrigo assinalado pela seta num meandro da ribeira do Avelal. À direita, principal conjunto de figuras esquemáticas pintadas do abrigo do Castelejo. Foto de Mário Reis tratada com DStretch).

localiza-se a aproximadamente 1300 metros da confluência desta ribeira com a margem direita do Douro a qual, por sua vez, ocorre a 5950 metros da foz do Côa.

Apenas a rocha 3 exhibe um motivo picotado atribuível à Pré-história Recente, um pequeno círculo colocado na superfície horizontal de uma bancada na margem esquerda da ribeira. Tanto a superfície da rocha como o círculo se encontram extremamente patinados e polidos pelas águas. Com óbvios paralelos na arte ribeirinha do Tejo ou do Guadiana, por exemplo, é difícil atribuir uma cronologia precisa a esta figura dentro da Pré-história Recente, à semelhança de várias das figuras picotadas existentes nos afloramentos também horizontais do sítio do Vale da Casa, descrito de seguida.

3.4.3. VALE DA CASA

A ribeira do Vale da Casa desagua na margem esquerda do Douro, quase exactamente 3000 metros a jusante da foz do Côa. Congrega 29 rochas com gravuras diversas, das quais 13 com motivos atribuíveis à Pré-história Recente, divididas por duas topogra-



Fig. 50: Com o Douro e a barragem do Pocinho em primeiro plano, uma panorâmica sobre o Monte Meão, com a seta a assinalar o povoado do Alto das Malhadas. Foto de Mário Reis.



Fig. 51: No sopé sul do povoado do Alto das Malhadas, os números assinalam a distribuição das três rochas com covinhas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

fias muito distintas dentro do vale. A maioria encontra-se num grande terraço fluvial sobre o Douro e a foz da ribeira, com as gravuras dispostas junto ao solo em superfícies horizontais de xisto. Estão hoje submersas e as especificidades da sua distribuição não foram registadas, mas encontravam-se em associação próxima com contextos funerários da Pré-história Recente, incluindo duas cistas do III milénio a.C. (BAPTISTA, 1983, 67; CRUZ, 1998, 160). Na zona central do vale e na margem direita da ribeira, distando 650 metros da sua foz e do terraço, surgem a rocha 27 e, poucos metros abaixo, a rocha 28, a primeira com gravuras no solo de um pequeno abrigo, a segunda decorada na superfície vertical.

A iconografia da Pré-história Recente deste sítio pode dividir-se em três grandes conjuntos: “unhadas do diabo”, Arte Esquemática, e gravuras picotadas diversas, sobretudo motivos geométricos ou indeterminados.

As gravuras lineares são muito abundantes no Vale da Casa. Contam-se mais de 300 “unhadas” em oito rochas, incluindo a rocha 27 a meio do vale e as rochas 1, 3, 5, 6, 9, 12 e 21 no terraço, destacando-se os mais de 170 exemplares na rocha 3.



Fig. 52: Panorâmica sobre o sítio da Ribeira do Arroio, indicando-se a localização das suas rochas decoradas, com o número a assinalar a rocha 3, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

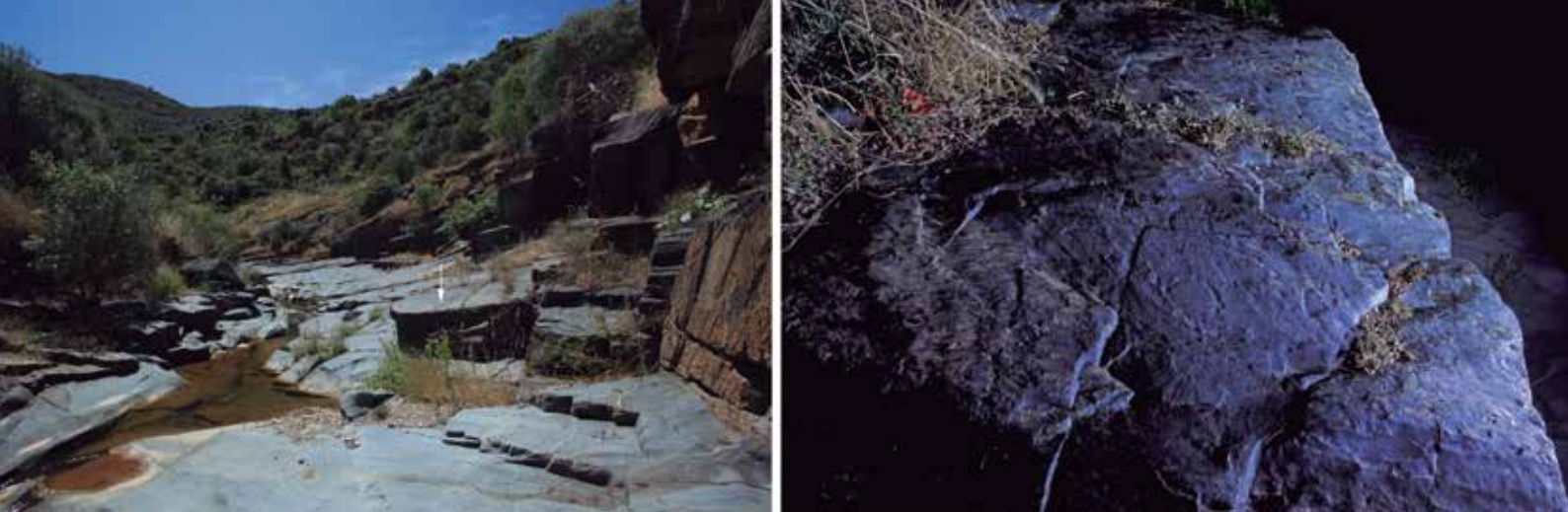


Fig. 53: À esquerda, a seta assinala a superfície elevada da rocha 3. À direita, o círculo gravado na superfície. Foto de Mário Reis.

A Arte Esquemática está bem identificada nas rochas 4, 11, 18 e 28, nas três últimas com escassas quantidades de “antropomorfos de cornos”, semelhantes uns aos outros e tipologicamente análogos aos presentes no sítio dos Namorados, e na rocha 4 com um grande conjunto de figuras humanas de corpos rectangulares e braços elevados. Por fim, as rochas 1, 3, 4, 9, 12, 18, 21 e 23 exibem um conjunto muito diverso de motivos picotados, aos quais é mais difícil atribuir uma classificação cronológica e cultural, embora seja muito provável que pertençam à Pré-história Recente. São essencialmente figuras geométricas, sobretudo círculos e semicírculos, mas por vezes de formas indeterminadas, e incluindo um podomorfo na rocha 23. Por vezes próximas a motivos esquemáticos, como nas rochas 4 e 18, aparecem mais frequentemente isoladas, sendo difícil de considerar se terão sido executadas junto com a arte esquemática ou se poderão ser já pós-esquemáticas.

3.4.4. VALE DE CABRÕES

Esta profunda ribeira é um dos principais sítios da arte do Côa e o segundo maior em quantidade de rochas decoradas, 101 ao todo, apenas atrás do sítio da Foz do Côa. É um afluente da margem esquerda do Douro, desembocando neste a 1500 metros da embocadura do Côa. As rochas decoradas distribuem-se ao longo de todo o percurso mais encaixado da ribeira, mas apenas duas, as rochas 1 e 10, apresentam figuras enquadáveis na Pré-história Recente, de feição subnaturalista e executadas em picotado disperso do tipo “bago de arroz”.

Embora bastante apartadas uma da outra e com distintas implantações na paisagem, ambas surgem no sector central do sítio, onde o vale é mais profundo e encaixado, com abruptas falésias na margem esquerda, na qual se concentram quase todas as rochas decoradas conhecidas. A rocha 1 encontra-se sobranceira à ribeira, a 1230 metros de distância da embocadura, e a rocha 10 aparece na orla superior do vale, 80 metros acima do leito da ribeira e quase a 200 metros em linha recta da rocha 1, embora com toda uma escarpada encosta de permeio. Uma característica que ambas partilham é a grande dimensão dos painéis verticais gravados e, sobretudo, a maneira como estes se destacam visualmente na envolvência e atraem o olhar de quem os enfrenta, distinguindo-se de alguma forma na paisagem apesar do caos rochoso em que se inserem.

A rocha 1 exhibe o famoso veado, de desenho particularmente naturalista e em posição dinâmica, de cabeça voltada para trás e o ventre perfurado por uma longa lança. Muito mais toscas e estilizadas são as figuras da rocha 10, com dois animais de espécie indefinida e executados com um traço feito por pontos picotados pequenos e muito



Fig. 54: Uma panorâmica ao longo do Vale da Casa, indicando-se a localização das suas rochas decoradas na zona central do vale, com os números a assinalar as rochas mencionada no texto. A seta assinala a foz da ribeira e a posição aproximada do terraço submerso, onde se encontram as restantes rochas decoradas. Foto de Mário Reis.

dispersos, de tal forma que as pequenas figuras se tornam pouco perceptíveis, ao contrário do veado da rocha 1. Uma delas associa-se a duas pequenas manchas circulares, executadas pela junção de vários pontos picotados, muito similares às que se encontram na rocha 2 da Quinta da Barca Sul, que igualmente se avizinham de figuras de técnica e estilo similar.

3.4.5. CASCALHEIRA

É uma encosta na margem direita do Douro, situada quase em frente à emboadura do Côa, em relação à qual descai pouco mais de 200 metros para montante. Ao longo da encosta, cortada por duas linhas de água relativamente pouco escavadas, distribuem-se as 31 rochas decoradas presentemente conhecidas. A rocha 15 é a única



Fig. 55: À esquerda e ao centro, levantamentos feitos nos trabalhos de 1982 das rochas 4 e 11 do Vale da Casa, respectivamente. À direita, antropomorfo esquemático “de cornos” na rocha 28. Decalques de Fernando Barbosa e foto de Mário Reis.



Fig. 56: Panorâmica sobre a zona central do sítio de Vale de Cabrões, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com os números a designar as duas rochas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

que apresenta uma figura enquadrável na Pré-história Recente, e também a única situada na margem esquerda de uma das linhas de água, com um painel vertical orientado a Noroeste na direcção oposta de todas as outras rochas do sítio.

Com um enorme painel repleto de múltiplas figuras incisadas de diversas cronologias, há uma outra que se distingue imediatamente, pela dimensão e pela técnica do picotado disperso sobre um esboço prévio de pequenas linhas incisadas, num estilo de feição subnaturalista que recorda bastante o veado da rocha 1 de Vale de Cabrões. Distingue-se também por ser uma figura incompleta, reduzida às patas dianteiras e ao ventre, e talvez a uma pata traseira. Por fim, como detalhe adicional, encontra-se numa zona do painel com uma longa sequência de sobreposições, tendo por cima figuras incisadas modernas e

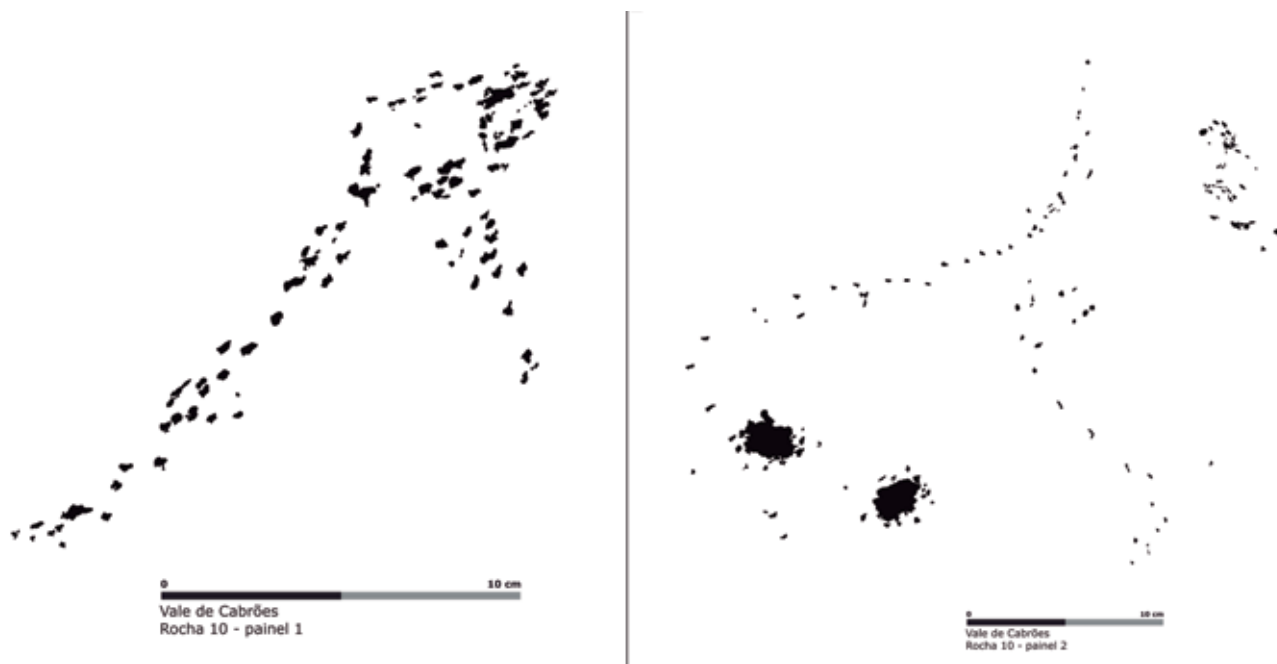


Fig. 57: Figuras picotadas de feição subnaturalista da rocha 10 de Vale de Cabrões. Desenhos feitos sobre fotografia, no âmbito do projecto LandCRAFT.

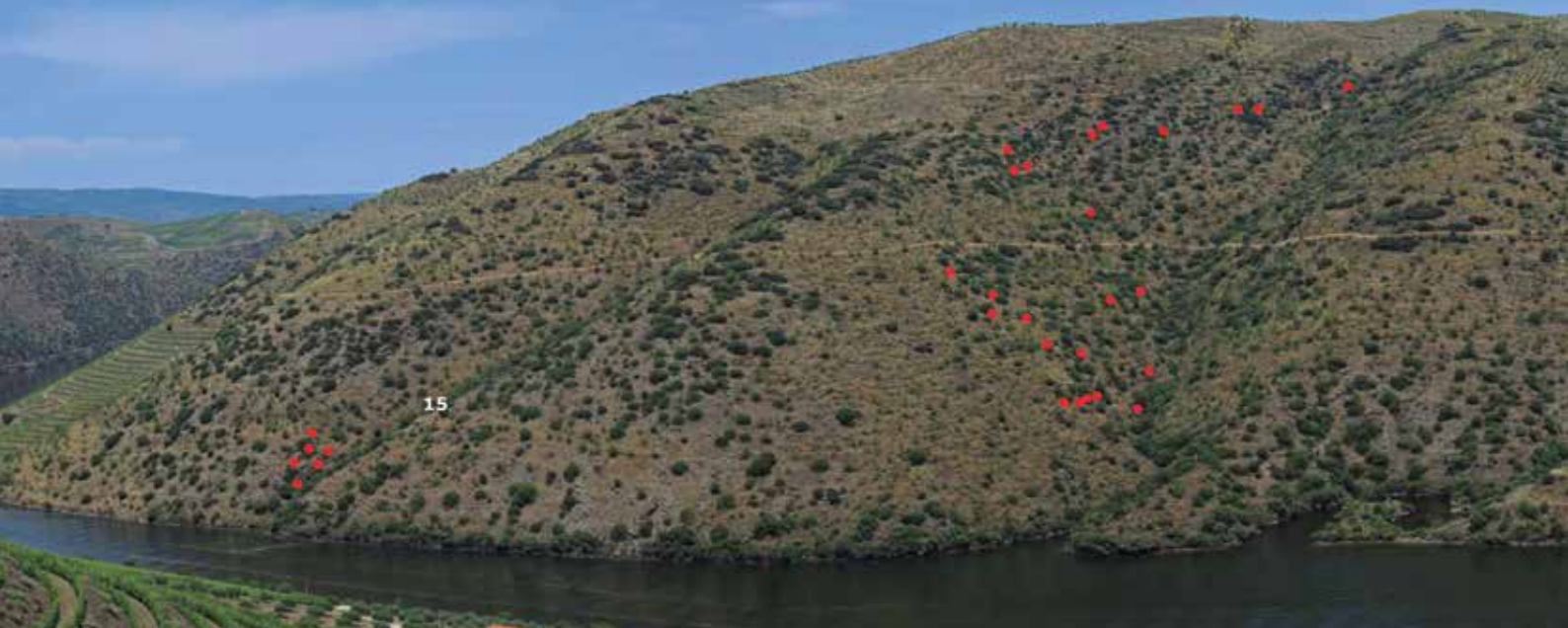


Fig. 58: Panorâmica sobre o sítio da Cascalheira, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com o número a designar a rocha 15, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

da Idade do Ferro, e estando por sua vez sobreposta à única figura paleolítica identificada, uma cervo estriada, de cronologia atribuível ao Tardiglacial.

3.4.6. RIBEIRA DA CABREIRA

Com 14 rochas presentemente inventariadas com gravuras de todos os períodos da arte do Côa, a ribeira da Cabreira é um longo curso de água, que desce do Monte de São Gabriel para a margem esquerda do Douro, entrando neste a 3050 metros a montante da foz do Côa. De momento, apenas a rocha 11 apresenta motivos da Pré-história Recente, todos picotados e pertencentes à Arte Esquemática.

Encostada à margem direita da ribeira, a 800 metros de distância da sua embocadura, a superfície da rocha 11 tem características pouco habituais nas superfícies decoradas da região do Côa, sendo uma enorme laje rente ao solo, de inclinação fortemente oblíqua sobre a ribeira, seguindo o declive da encosta. As gravuras concentram-se num único painel bem delimitado no canto superior esquerdo da laje, consistindo em mais de uma vintena de “antropomorfos de cornos”, de formas bastante variadas, acompanhados de alguns motivos indeterminados e outros geométricos, incluindo um círculo e um quadrado.

3.4.7. VALE D'ARCOS

Este sítio encontra-se no final da distribuição da arte do Côa, no seu sector duriense a montante da foz do Côa. Corresponde ao vale de uma ribeira que sulca a declivosa encosta sobre a margem direita do Douro, iniciando-se nas elevações quartzíticas que assinalam na paisagem esta margem do Douro e transitando em baixo por terrenos xistosos até confluir com o Douro, a 10200 metros da foz do Côa. Somente duas rochas decoradas são presentemente conhecidas neste sítio, afastadas uma da outra, a rocha 1 em terrenos xistosos e com uma única figura paleolítica, e a rocha 2 um abrigo quartzítico com pinturas esquemáticas.

O topónimo “Vale d’Arcos” deverá aplicar-se a um monumental maciço rochoso com acentuadas dobras quartzíticas na parte superior da ribeira. No entanto, e apesar da abundância de abrigos e painéis adequados, o abrigo pintado de Vale d’Arcos

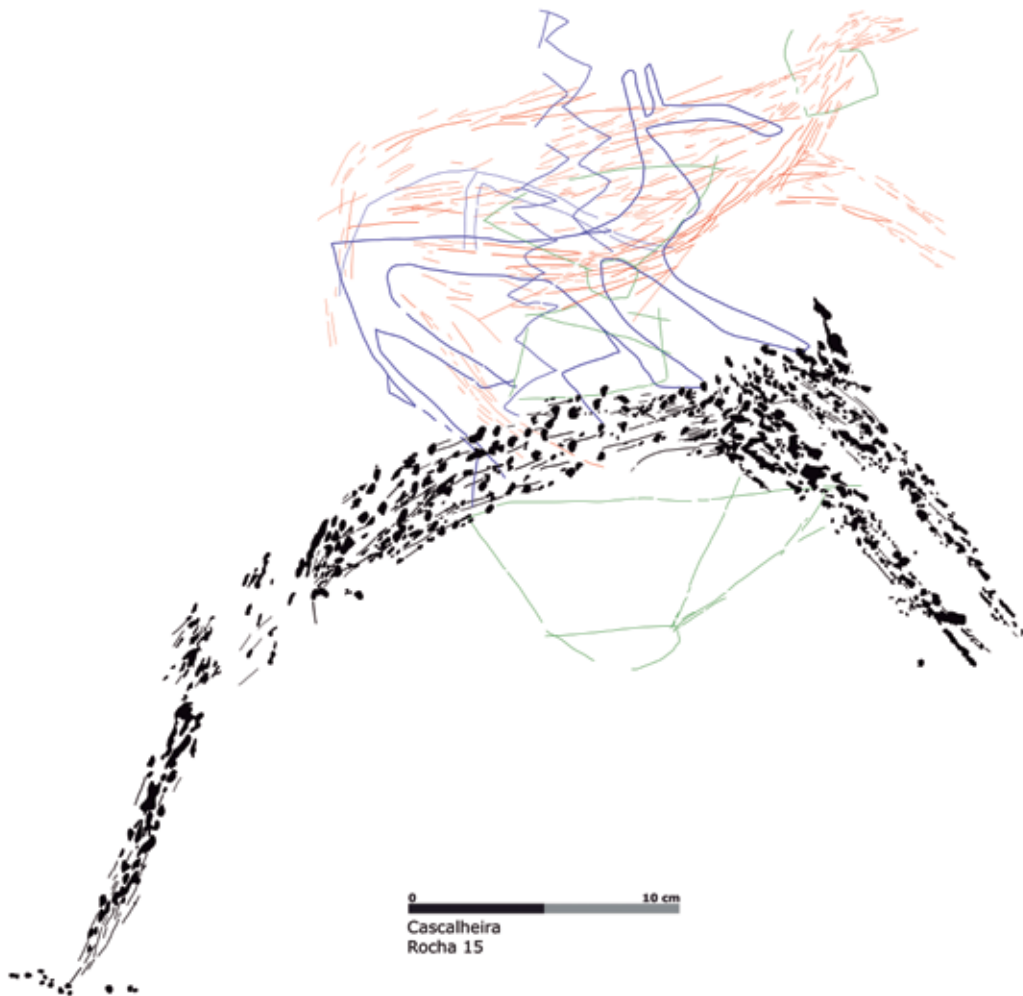


Fig. 59: Desenho parcial do sector onde se encontra a figura picotada de estilo subnaturalista da rocha 15, com uma sequência de sobreposições entre figuras de cronologia variável entre finais do Paleolítico Superior e a Época Moderna. Desenhos feitos sobre fotografia de Mário Reis.

surge afastado e isolado na parte superior da encosta, com uma implantação discreta na paisagem apesar da sua grande dimensão e imponência, que se encontra, em altitude, a um pouco mais de 100 metros abaixo da orla superior do vale e aproximadamente 500 metros acima da margem do Douro. Ao longo de diferentes painéis são perceptíveis, com dificuldade, pouco mais de uma dezena de motivos esquemáticos pintados, maioritariamente barras verticais, mas distinguindo-se pelo menos uma possível figura antropomórfica.

3.4.8. CASA VELHA

Este sítio corresponde a um antigo colmeal localizado na margem direita da ribeira de Aguiar, a quase 6500 metros em linha recta da sua embocadura na margem esquerda do Douro. É o único sítio com gravuras pré-históricas conhecido nesta longa ribeira. Utilizadas na antiga construção do colmeal, localizado ainda em terrenos xistosos, encontram-se duas pedras com gravuras, uma de granito com cruces modernas e a outra de xisto com gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Estas encontram-se extremamente patinadas, integrando um fragmento de um afloramento maior, provavelmente partido para utilizar as pedras em construção. A sua localização original é desco-



Fig. 60: À esquerda, o painel decorado da rocha 11 da Ribeira da Cabreira. À direita, detalhe de algumas das figuras antropomórficas. Fotos de Mário Reis.

Fig. 61: Panorâmica sobre o sítio de Vale d'Arcos, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com o número a designar a rocha 2, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

nhecida, mas é provável que estivesse nas imediações do colmeal, por onde há alguma abundância de afloramentos.

3.5. MONTE DE SÃO GABRIEL

O Monte de São Gabriel constitui a formação geológica visualmente mais proeminente no meio da região do Côa, um antigo relevo residual quartzítico sobre a base xistosa da região, elevando-se mais de 250 metros acima da zona planáltica envolvente, contida entre o Douro e a secção final do Côa. Os dois sítios localizados no seu entorno situam-se em lados opostos do monte, com o sítio de São Gabriel enfrentando o Côa, na transição dos quartzitos para os xistos, e o sítio do Ponto da Serra voltado ao Douro, um pouco mais baixo e já em terrenos xistosos.

3.5.1. SÃO GABRIEL

Localizado a meia distância entre o topo do monte e a capela de São Gabriel, num maciço rochoso destacado na encosta, este sítio encontra-se na parte superior da bacia da ribeira do Impariz, que desce do alto do monte até à margem direita do Côa. As rochas decoradas enfrentam directamente o esporão que sustenta a capela, da qual

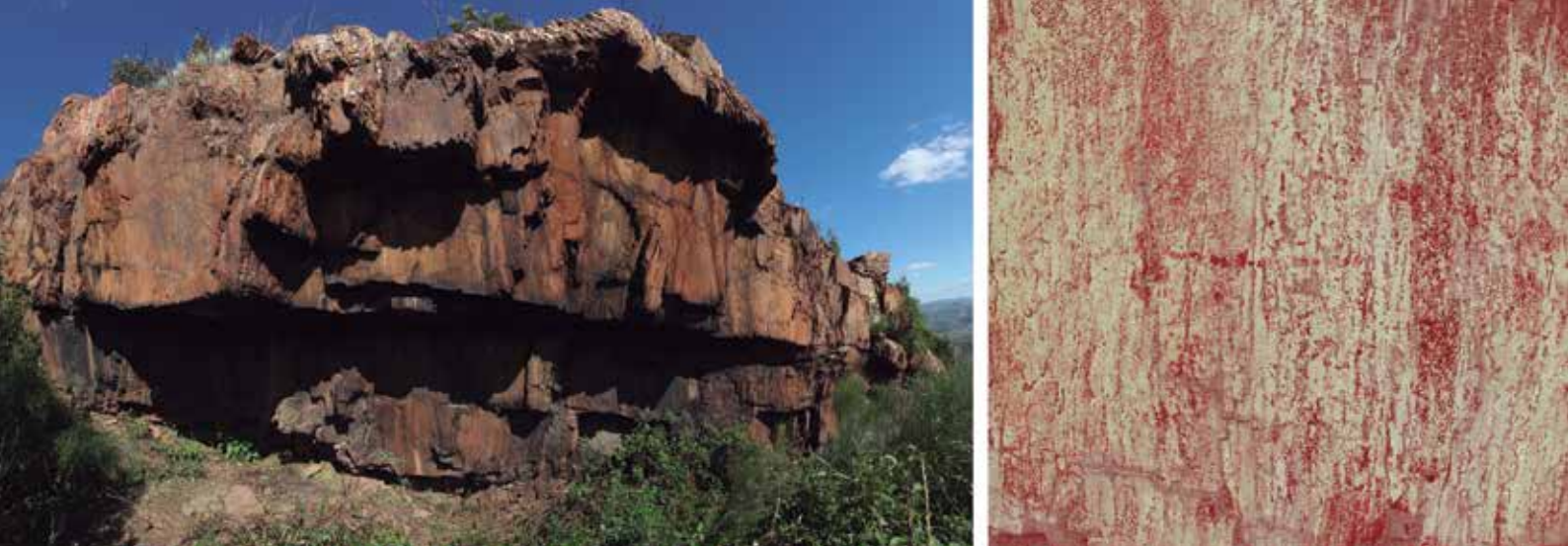


Fig. 62: À esquerda, rocha 2 de Vale d'Arcos, e à direita algumas das suas pinturas esquemáticas, muito apagadas. Fotos de Mário Reis.

distam 550 metros e em cujas imediações se encontram materiais de superfície datáveis da Pré-história Recente (cf. REIS, 2012, 42). Em linha recta, distam 2250 metros da foz da ribeira do Impariz, perto da qual se encontram as rochas decoradas deste último sítio.

Na superfície horizontal da rocha 2, localizada a poucos metros da rocha 1 no topo do maciço rochoso, encontram-se algumas escassas covinhas dispersas, em mais um caso de potencial associação entre covinhas e vestígios de ocupação da Pré-história Recente. Na rocha 1, um discreto afloramento na periferia inferior do maciço rochoso, destaca-se, num painel vertical liso, um motivo geométrico pintado, de apreciável dimensão, consistindo num conjunto de cinco longas barras, verticais e paralelas, que arrancam de um eixo horizontal.

3.5.2. PONTO DA SERRA

Este sítio localiza-se no sopé oriental do Monte de São Gabriel, 430 metros para norte e para baixo da capela, sobre a ampla faixa planáltica que medeia o espaço até à encosta sobre a margem esquerda do Douro. Surge no início da extensa ribeira da Cabreira, em cujo troço final se conhece uma rocha com múltiplos antropomorfos esquemáticos, e dista 3600 metros em linha recta até à desembocadura da ribeira no Douro. Situada no meio de uma ampla mancha de dispersão de materiais pré-históricos de superfície, a única rocha decorada é um afloramento de xisto de superfície horizontal, encostada à linha de água e preenchida com cerca de quatro dezenas de covinhas.

3.6. VALE DA VEIGA

O chamado Vale da Veiga é uma formação geológica que, na margem sul do Douro, corresponde à continuação da falha tectónica da Vilarça. Este vale desenvolve-se no sentido sul-norte paralelamente ao Côa, do qual se aparta apenas escassos quilómetros e, tal como o Côa, atravessa zonas graníticas mais a sul e xistosas mais a norte. Sendo embora um vale de origem tectónica e não fluvial, nem por isso deixa de ter alguns troços percorridos por linhas de água. Uma destas é a conhecida ribeira de Piscos, que desagua na margem esquerda do Côa, e tendo uma secção inicial que, em parte, se desenvolve ao longo do Vale da Veiga, correndo paralelamente ao Côa em terrenos graníticos antes de virar ao seu encontro quando atinge a zona xistosa. Os sítios descritos de seguida encontram-se todos em sequência ao longo deste troço da ribeira de Piscos (que nesta zona não adopta ainda este nome, chamando-se antes ribeira da Centieira), o



Fig. 63: Panorâmica sobre a crista quartzítica na encosta do Monte de São Gabriel voltada ao Côa, com a seta a indicar a localização do sítio de São Gabriel. Do lado direito, pormenor da pintura no painel da rocha 1. Fotos de Mário Reis, a última das quais tratada com DStretch.

primeiro (Tambores) na transição entre xistos e granitos, os restantes (Cruzeiro Velho e Vinagreira) em plena zona granítica.

3.6.1. TAMBORES

Sendo dos primeiros sítios da região onde se identificaram covinhas associadas a materiais de superfície pré-históricos, um conjunto importante de novos achados fazem também dos Tambores o maior e o mais complexo destes sítios na região da arte do Côa, tendo-se passado de três para dezoito rochas com covinhas, dispersas ao longo de uma vasta área com quase 500 metros de extensão.

Localiza-se na parte superior da encosta sobre o Vale da Veiga e sobre a ribeira de Piscos, no ponto onde esta abandona o vale tectónico e inflecte para o Côa, na zona de transição entre xistos e granitos, e havendo aliás rochas com covinhas em ambas as geologias. Estas associam-se directamente a três diferentes áreas com vestígios de ocupação da Pré-história Recente. Na zona xistosa na extremidade norte do sítio, na encosta voltada ao Vale da Veiga, a rocha 1 surge ao lado de diversos materiais de superfície, tendo para cima um amplo cabeço, também xistoso, onde se distribuem, num alinhamento rectilíneo perfeito, outras dez rochas com covinhas. Na base deste cabeço, já em zona granítica, surge nova mancha de dispersão de materiais, a cerca de 200 me-



Fig. 64: À esquerda, panorâmica sobre a encosta do Monte de São Gabriel voltada ao Douro, com a seta a assinalar a rocha 1 do Ponto da Serra, cuja superfície repleta de covinhas se observa à direita. Fotos de Mário Reis.

tros da anterior e directamente associada a cinco afloramentos com covinhas, dois dos quais localizados no topo de dois pequenos cabeços, que marcam o limite da zona aplanada e enfrentam a zona topograficamente muito irregular para sul onde, a 200 metros de distância surge um recinto murado da Pré-história Recente, o chamado Castelo Velho dos Tambores, em cuja base se encontram mais duas rochas com covinhas, e tendo em frente um outro cabeço pedregoso com alguns materiais de superfície. Numa área pontuada por inúmeros afloramentos graníticos, é natural que mais rochas com covinhas possam aparecer. Refira-se ainda que numa das rochas no topo de um dos pequenos cabeços que enfrenta em simultâneo a segunda mancha de materiais e o Castelo Velho dos Tambores, se encontra, para além de duas covinhas, um sulco profundo gravado por picotagem, de cronologia incerta mas, eventualmente, talvez também pré-histórica.

3.6.2. CRUZEIRO VELHO

A chamada estela de Longroiva, que será mais correctamente classificável como estátua-menir, apareceu num local conhecido como Cruzeiro Velho, em terrenos aplanados de aluvião em pleno Vale da Veiga, na margem esquerda da ribeira de Piscos/Centieira e a 3400 metros a Sul e a montante de onde esta inflecte o percurso para o Côa. Encontra-se na base de um cabeço granítico, o Alto da Lamigueira, onde se implanta um recinto murado da Pré-história Recente.

Este monólito de granito apresenta uma profusa decoração gravada, incluindo armas que permitem colocar a sua cronologia no Bronze Inicial. Mais recentemente, apareceram à superfície duas pequenas estelas pré-históricas afeiçoadas, também graní-

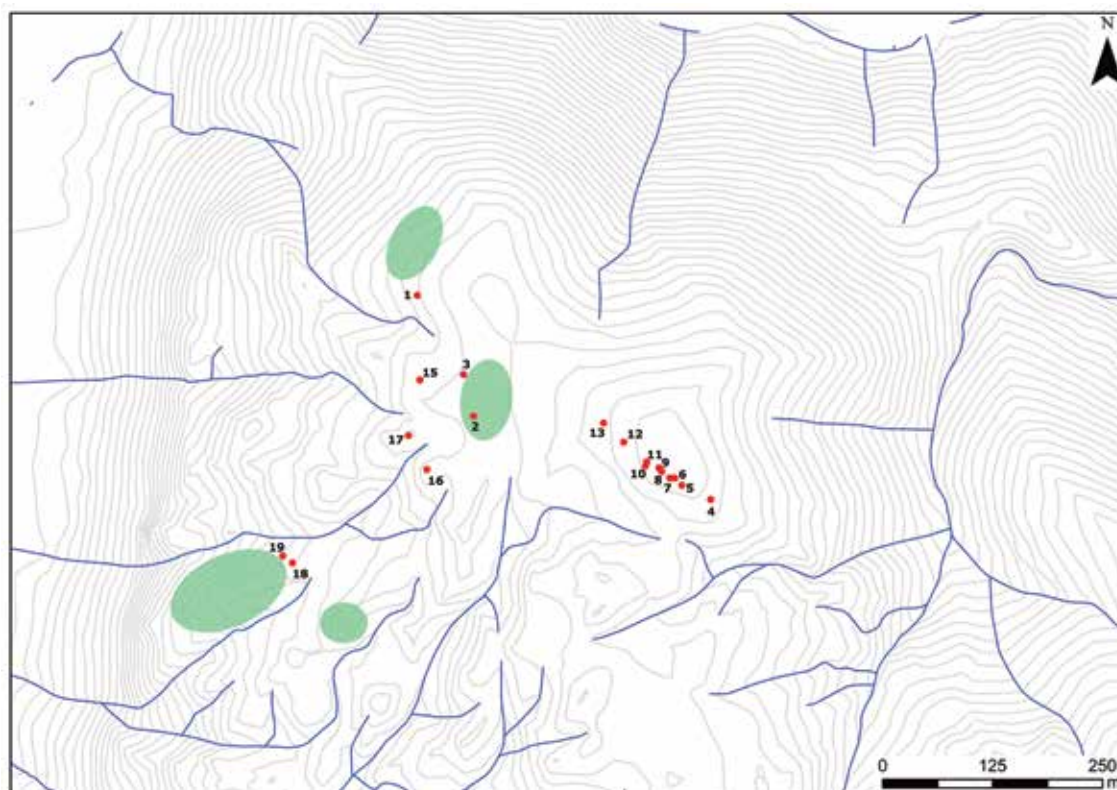


Fig. 65: Cartografia da distribuição das rochas com covinhas dos Tambores, assinalando-se a verde os locais com vestígios pré-históricos à superfície (Série Cartográfica Nacional - escala 1:10,000, Direcção Geral do Território, extracto das folhas 150-2 e 151-1).



Fig. 66: Rochas com covinhas dos Tambores: rocha 1, em xisto (esquerda) e rocha 2, em granito (direita).
Fotos de Mário Reis.



Fig. 67: À esquerda, panorâmica sobre o local onde apareceu a estela de Longroiva, na base de um povoado pré-histórico, o Alto da Lamigueira, indicado pela seta. Fotos de Mário Reis.



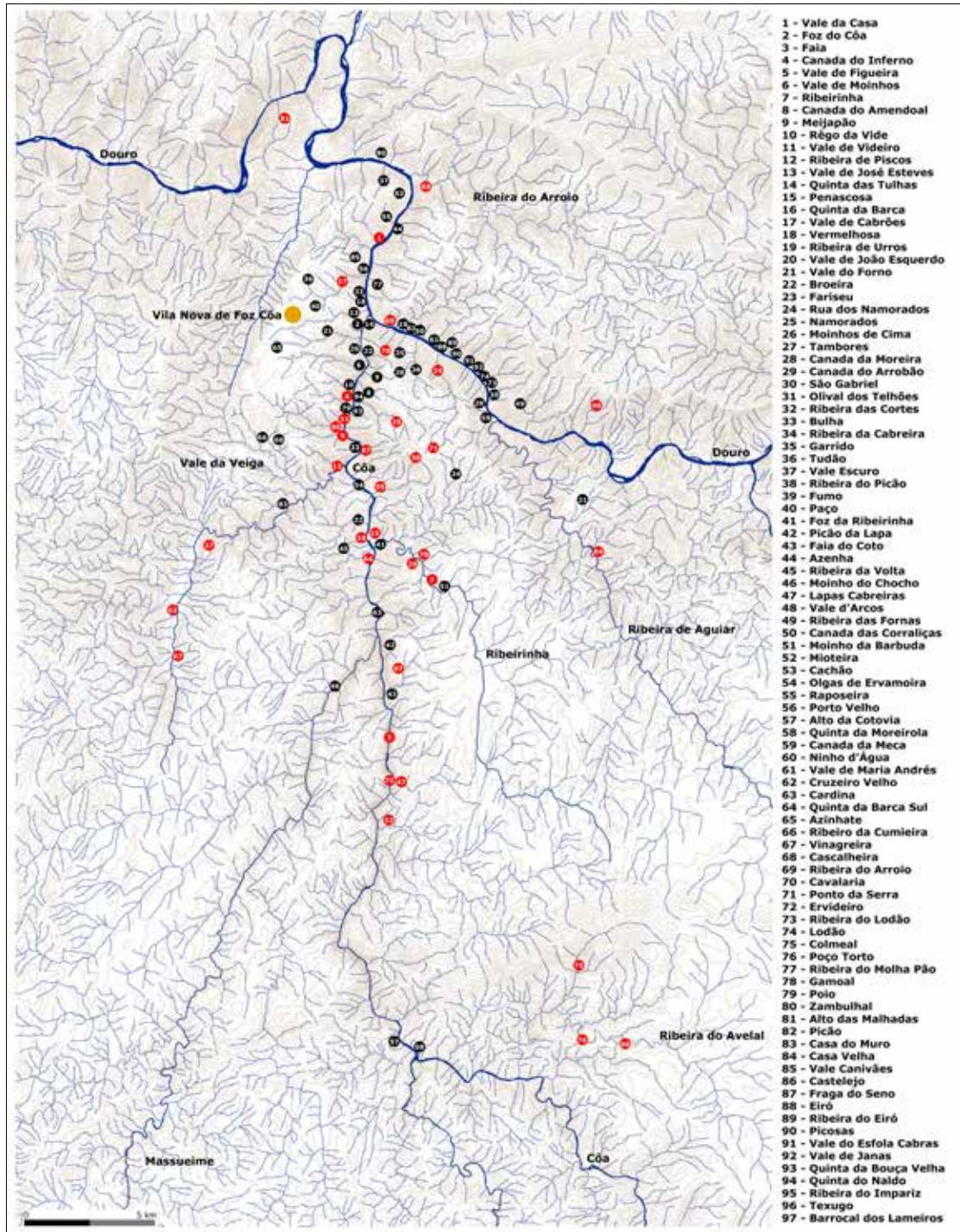
Fig. 68: As duas pedras gravadas descobertas no curral demolido da Vinagreira. Foto de Mário Reis.

ticas e infelizmente fracturadas, uma sem decoração e outra com vestígios de decoração gravada, para as quais se pode colocar a hipótese de serem ou coevas ou, possivelmente, até mais antigas do que a estela de Longroiva (REIS, 2013, 53).

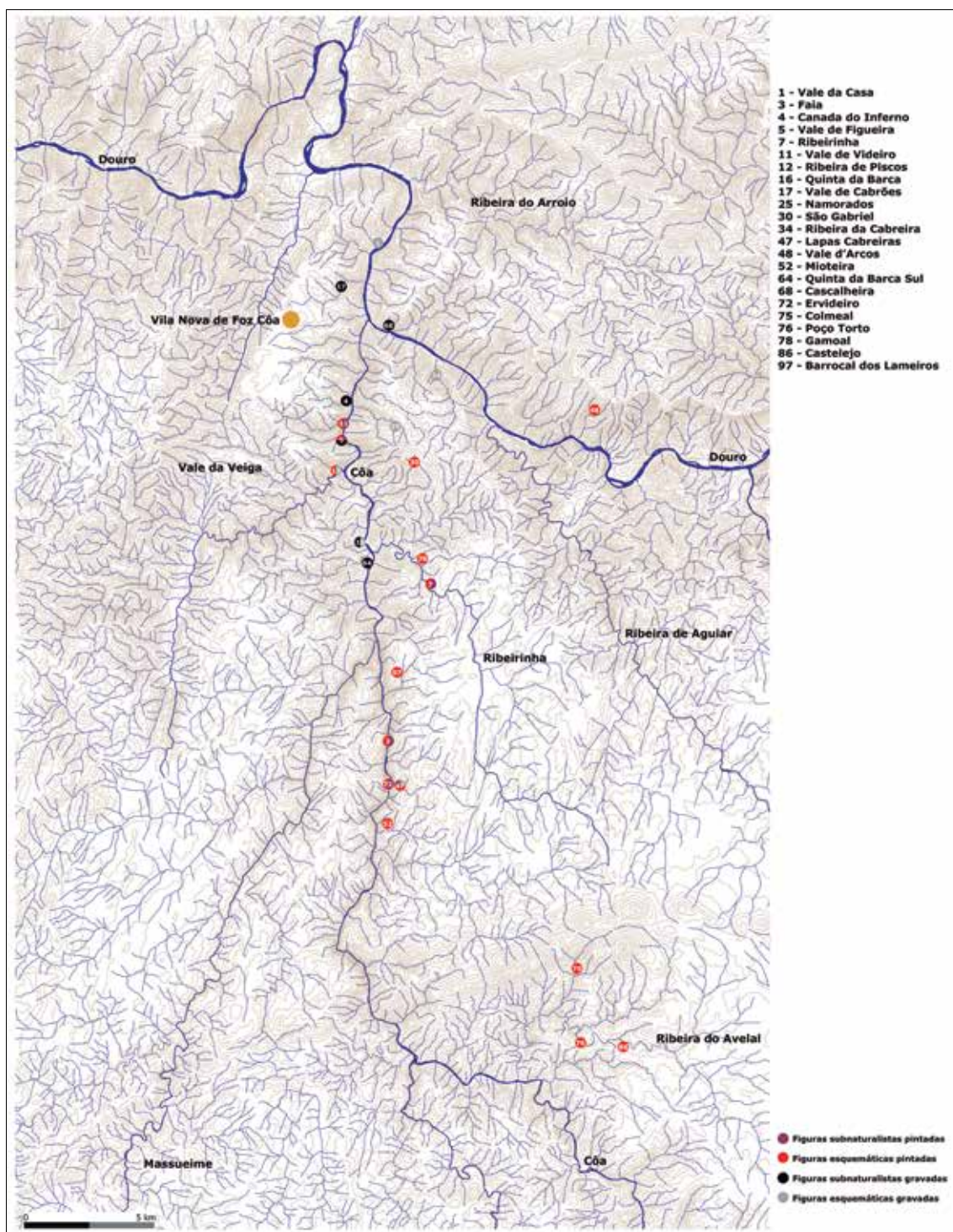
3.6.3. VINAGREIRA

Num antigo curral que foi demolido por ocasião das obras de construção da IP2 encontraram-se duas pedras de granito com gravuras, que foram recolhidas no Museu do Côa. O curral encontrava-se a meia encosta sobre o Vale da Veiga e a ribeira de Piscos/Centieira, quase 1800 metros a sul do sítio do Cruzeiro Velho, e sobranceiro ao vasto sítio arqueológico da Vinagreira, com abundantes vestígios superficiais de épocas diversas, nomeadamente pré-históricos e de Época Romana, sendo possível que as duas pedras tenham sido daqui trazidas como material de construção do curral.

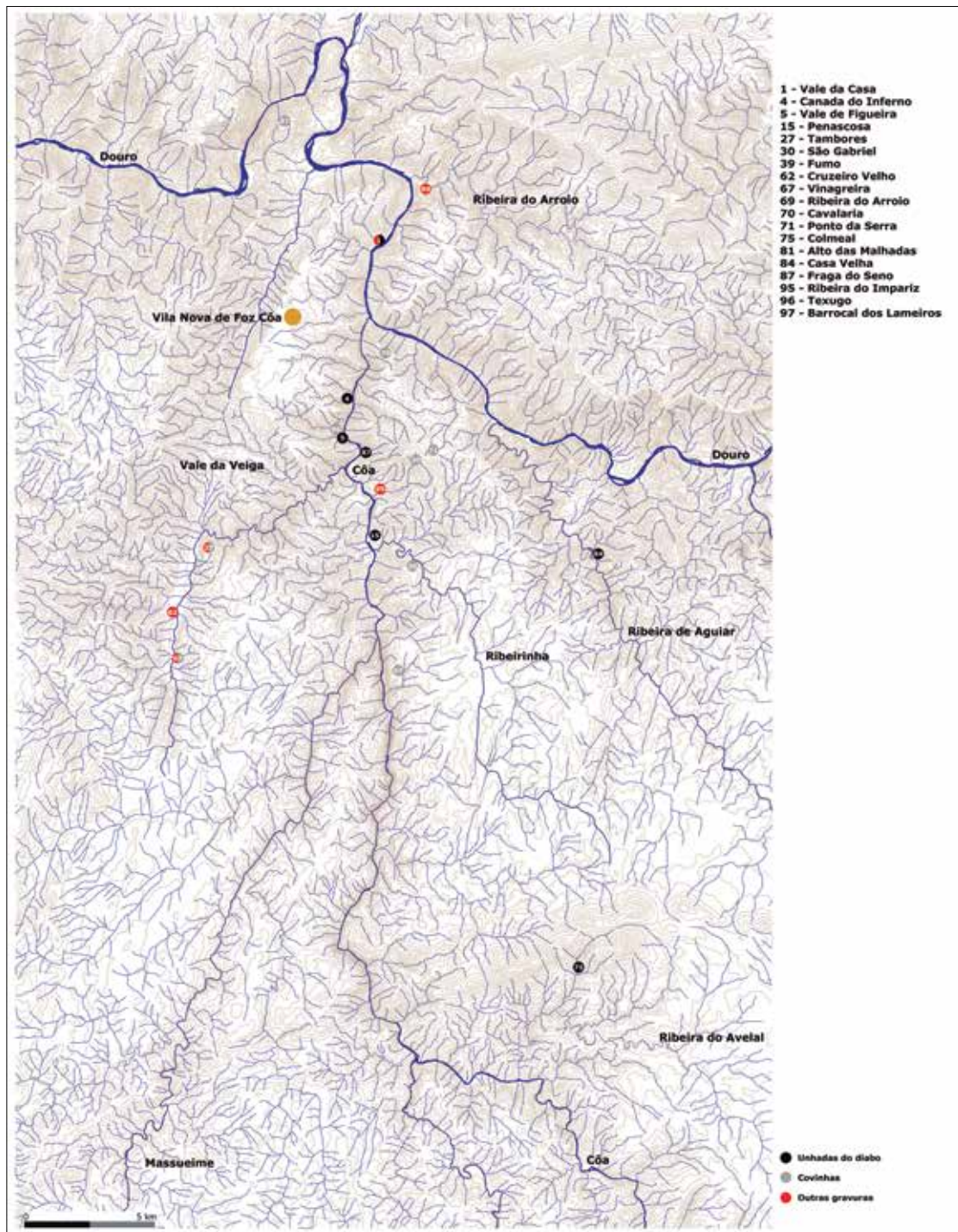
Uma das pedras é um grande monólito afeiçoado, de formato rectangular e faces alisadas, numa das quais surgem cinco covinhas, quatro agrupadas ao centro e uma isolada numa das extremidades. Não é possível saber o seu contexto original, mas poderia tratar-se de um esteio pré-histórico, talvez de uma cista. A outra pedra é, claramente, um pequeno fragmento de algo maior, tendo uma face plana com um denso conjunto de gravuras de cariz abstracto, que poderão ou não ser pré-históricas, algo a que só o conhecimento claro do contexto original poderia dar resposta.



Mapa 1: Distribuição de todos os sítios conhecidos da arte do Côa, indicando-se a vermelho os que têm figuras integráveis na Pré-história Recente (cartografia adaptada a partir da Carta Corográfica de Portugal - escala 1:50,000, Instituto Geográfico e Cadastral, extractos das folhas 11-C, 11-D, 15-A, 15-B, 15-C, 15-D).



Mapa 2: Distribuição dos sítios com figuras de feição subnaturalista e esquemática, pintadas e gravadas.



Mapa 3: Distribuição dos sítios com covinhas, gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”, e outros tipos de gravuras.

Sítio	Registo	Ano	S. P.	S. G.	E. P.	E. G.	UD	C	OG
Vale da Casa	<i>rocha 1</i>	1982	-	-	-	-	X	-	X
	<i>rocha 3</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
	<i>rocha 4</i>	1982	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 5</i>	1982	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 6</i>	1982	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 9</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
	<i>rocha 11</i>	1982	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 12</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
	<i>rocha 18</i>	1982	-	-	-	x	-	-	x
	<i>rocha 21</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
<i>rocha 23</i>	1982	-	-	-	-	-	-	x	
<i>rocha 27</i>	1996	-	-	-	-	x	-	-	
<i>rocha 28</i>	1996	-	-	-	x	-	-	-	
Faia	<i>rocha 1</i>	1989	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	1989?	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	1989?	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 4</i>	1995?	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 5</i>	1989	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 6</i>	1995	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 8</i>	2001	x	-	x	-	-	-	-
	Canada do Inferno	<i>rocha 3</i>	1993	-	x	-	-	-	-
<i>rocha 4</i>		1993	-	x	-	-	-	-	-
<i>rocha 5</i>		1993	-	x	-	-	-	-	-
<i>rocha 29</i>		1995	-	-	-	-	x	-	-
<i>rocha 32</i>		1995	-	x	-	-	-	-	-
<i>rocha 33</i>		1995	-	x	-	-	-	-	-
<i>rocha 36</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-	
Vale de Figueira	<i>rocha 1</i>	1994	-	x	-	-	x	-	-
	<i>rocha 3</i>	1989	x	-	x	-	x	-	-
Ribeirinha	<i>rocha 1</i>	1993	x?	-	x	-	-	-	
Vale de Videiro	<i>rocha 2</i>	1999	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	2021	x	-	-	-	-	-	-
Ribeira de Piscos	<i>rocha 4</i>	1995	-	-	x?	x	-	-	-
	<i>rocha 6</i>	1995	-	-	-	x?	-	-	-
	<i>rocha 14</i>	1996	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 18</i>	1996	-	-	x	-	-	-	-
Penascosa	<i>rocha 19</i>	1996	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 7</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
Quinta da Barca	<i>rocha 18</i>	1997	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 23</i>	1997	-	x	-	x	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
Vale de Cabrões	<i>rocha 10</i>	1997	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	1996	-	-	-	x	-	-	-
Namorados	<i>rocha 5</i>	2006	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 7</i>	2006	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	1998	-	-	-	x	-	-	-
São Gabriel	<i>rocha 2</i>	2006	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 11</i>	2011	-	-	-	x	-	-	-
Fumo	<i>rocha 1</i>	2006	-	-	-	-	-	x	-
Lapas Cabreiras	<i>rocha 1</i>	2008	x?	-	x	x	-	-	-
Vale d'Arcos	<i>rocha 2</i>	2010	-	-	x	-	-	-	-
Mioteira	<i>rocha 1</i>	2001	-	-	x	-	-	-	-

Tabela 1: Listagem sumária do conteúdo de cada registo (rocha decorada ou outro tipo de registo) com arte rupestre atribuída à Pré-história Recente na região do Côa, indicando-se também o ano em que foram identificados (legenda: S – figuras subnaturalistas; E – figuras esquemáticas; P – pintura; G – gravura; UD – unhadas do diabo; C – covinhas; OG – outras gravuras).

Sítio	Registo	Ano	S. P.	S. G.	E. P.	E. G.	UD	C	OG
	<i>rocha 1</i>	1997	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 2</i>	1998	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 3</i>	2010	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 4</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 5</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 6</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 7</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 8</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 9</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
Tambores	<i>rocha 10</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 11</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 12</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 13</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 15</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 16</i>	2021	-	-	-	-	-	x	x?
	<i>rocha 17</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 18</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 19</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
Cruzeiro Velho	<i>estelas</i>	1964	-	-	-	-	-	-	x
Quinta da Barca Sul	<i>rocha 2</i>	2018	-	x	-	-	-	-	-
Vinagreira	<i>pedras</i>	2010	-	-	-	-	-	x	x
Cascalheira	<i>rocha 15</i>	2011	-	x	-	-	-	-	-
Ribeira do Arroio	<i>rocha 3</i>	2011	-	-	-	-	-	-	x
Cavalaria	<i>rocha 2</i>	2011	-	-	-	-	-	x	-
Ponto da Serra	<i>rocha 1</i>	2011	-	-	-	-	-	x	-
Ervideiro	<i>rocha 1</i>	2001	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	2001	x	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
Colmeal	<i>rocha 2</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 4</i>	2015	-	-	-	-	x	-	-
Poço Torto	<i>rocha 1</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
Gamoal	<i>rocha 1</i>	2012	-	-	x?	-	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	2005	-	-	-	-	-	x	-
Alto das Malhadas	<i>rocha 2</i>	2013	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 3</i>	2013	-	-	-	-	-	x	-
Casa Velha	<i>pedra</i>	2014	-	-	-	-	x	-	-
Castelejo	<i>rocha 1</i>	2015	-	-	x	-	-	-	-
Fraga do Seno	<i>rocha 1</i>	2016	-	-	-	-	x	-	-
Ribeira do Impariz	<i>rocha 1</i>	2019	-	-	-	-	-	-	x
Texugo	<i>rocha 1</i>	2020	-	-	-	-	-	x	-
	<i>pedra</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
Barrocal dos Lameiros	<i>rocha 1</i>	2021	-	-	x?	-	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
<i>Totais</i>	<i>96</i>	-	<i>11</i>	<i>14</i>	<i>20</i>	<i>13</i>	<i>15</i>	<i>29</i>	<i>12</i>

Tabela 1 (continuação): Listagem sumária do conteúdo de cada registo (rocha decorada ou outro tipo de registo) com arte rupestre atribuída à Pré-história Recente na região do Côa, indicando-se também o ano em que foram identificados (legenda: S – figuras subnaturalistas; E – figuras esquemáticas; P – pintura; G – gravura; UD – unhas do diabo; C – covinhas; OG – outras gravuras).

4. Bibliografia

- ALMAGRO, Martín (1966) – *Las Estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad de Madrid.
- ALVES, Lara Bacelar (2020) – LandCRAFT. A arte da Pré-história Recente no Vale do Côa. *Kairós*. 5, pp. 4-19.
- ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara (2014) – ART-FACTS: uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa. *Côavisão*.16, pp. 101-106.
- ALVES, Lara Bacelar; COMENDADOR REY, Beatriz (2017) – Arte esquemático pintado en el noroeste peninsular: una visión integrada transfronteriza. *Gallaecia*. 36, pp. 11-52.
- ALVES, Lara Bacelar; OLIVEIRA, Lucínia (2008) – *Barragem das Olgas (Torre de Moncorvo, Bragança). Levantamento das gravuras rupestres da Ribeira das Olgas e Ribeira do Arroio. Relatório Final*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 2002/1(613), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direção-Geral do Património Cultural).
- ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (Em preparação) – Immersive narratives – contrasting styles and imagery making traditions in the Côa Valley post-glacial rock art. In *Congreso Internacional El Arte de las Sociedades Prehistóricas, VII Edition, Cuenca, 19-23 Outubro 2022*.
- BAPTISTA, António Martinho (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa - (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. 8, pp. 57-69.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/Centro Nacional de Arte Rupestre.
- BAPTISTA, António Martinho; GARCÍA DIEZ, Marcos (2002) – L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal): La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In SACCHI, Dominico, ed. – *L'art paléolithique à l'air libre: Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Etudes Préhistoriques, pp. 187-205
- BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1997) – Arte Rupestre. In ZILHÃO, João, ed. – *Arte rupestre e pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 213-406.
- BAPTISTA, António Martinho; REIS, Mário (2008) – Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em Julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, ed. – *Arte Prehistorico al aire libre en el Sur de Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León, pp. 145-192.
- CAETANO, Vera; CARRERA, Fernando; ALVES, Lara Bacelar; RIVAS, Teresa & POZO-ANTÓNIO, José Santiago (Em preparação) – Estratégias de conservação de arte esquemático en el área de Foz Côa (Portugal): valoración inicial. In *Congreso Internacional El Arte de las Sociedades Prehistóricas, VII Edition, Cuenca, 19-23 Outubro 2022*.
- CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara; ALVES, Lara Bacelar (Em preparação) – Preliminary results of the archaeological excavation at the Lapas Cabreiras shelter / LandCRAFT project. In *Congreso Internacional El Arte de las Sociedades Prehistóricas, VII Edition, Cuenca, 19-23 Outubro 2022*.
- CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2021) – Trabalhos arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. 23, pp. 103-110.
- CARVALHO, António Faustino (2004) – O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1, pp. 185-219.
- CRUZ, Domingos. J. (1998) – Expressões funerárias e culturais do Norte da Beira Alta. In CRUZ, Domingos. J., ed. – *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" [Estudos Pré-históricos, VI]*. Vi-seu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 149-166.
- FIGUEIREDO, Sofia Soares; BAPTISTA, António Martinho (2013) – A Arte Esquemática em Portugal. In GARCÍA, Julián Martínez; PÉREZ, Mauro s. Hernández, eds. – *Actas del II Congreso de Arte Esquemático en la Peninsula Ibérica*. Almeria: Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 301-315.

- GARCÍA DIEZ, M., MAURÍCIO, J., RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2001) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Processo 2000/1(830), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- GARCÍA, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2003) – Prospecção Arqueológica no Alto Côa. Novas descobertas de arte rupestre. *Al-Madan*. 12, pp. 180-181.
- JORGE, Susana Oliveira (ed.) (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- LEMO, Francisco Sande (1991) – Património. In Figueira, R. (ed.) – *Aproveitamento Hidroeléctrico do Rio Côa. Escalão de Foz Côa. Projecto Base. Volume XVI – Estudo de Impacte Ambiental*: Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural), pp. 119-126, 157-165.
- LEMO, Francisco Sande (1994) – Dossier Côa I: O relatório de impacto patrimonial (1989). *Forum*. 15-16, pp. 141-156.
- MURALHA, João; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2022) – A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) - 2021. *Côavisão*. 24, pp. 101-110.
- PINA, Filipe Alves (2010) – *Acompanhamento Arqueológico da EN 222 (Beneficiação entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra)*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 2005/1(574), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, N. 1993. *Plano Arqueológico do Côa. Relatório do levantamento do património arqueológico e arquitectónico da área prevista para a pedreira do Aproveitamento hidroeléctrico de Foz Côa (Almendra – Vila Nova de Foz Côa)*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, Nelson (1994a) – *Plano Arqueológico do Côa. Relatório 1993*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, Nelson (1994b) – *Ponto da situação relativo à detecção, estudo e perspectivas de salvamento do sítio D3-10, entre a foz do Rêgo da Vide e foz da Canada do Inferno, na margem esquerda do rio Côa, freguesia de Vila Nova de Foz Côa, concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, Nelson (1995a) – *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- REBANDA, Nelson (1995b) – *Barragem de Vila Nova de Foz-Côa. Breve balanço dos trabalhos arqueológicos*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REIS, Mário (2011) – Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira; SANTOS, André Tomás, eds. – *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto, Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123.
- REIS, Mário (2012) – ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa”. *Portvgalia*. 33, pp. 5-72.
- REIS, Mário (2013) – ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2º parte). *Portvgalia*. 34, pp. 5-68.
- REIS, Mário (2014) – ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (conclusão). *Portvgalia*. 35, pp. 17-59.
- REIS, Mário (2020) – Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal: 2020 - Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 537-549.

REIS, Mário (2021) – Palaeolithic art in Portugal and its zoomorphic figures. In SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara, eds. – *Animals in Prehistoric Art. The Euro-Mediterranean region and its surroundings [Arkeogazte 11]*. Vitoria-Gasteiz, Arkeogazte-K Editatua, pp. 19-46.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; CARVALHO, Bárbara (2017) – Art-facts - os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. *Techne*. 3: 1, pp. 97-111.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARVALHO, Bárbara, CAETANO, Vera; CARDOSO, João Muralha (2022a) – Uma Nova Rocha Gravada do Paleolítico Superior no Sítio da Faia (Vale do Côa): ao ar livre e em ambiente granítico. *Almadan Online*. 25:1, pp. 9-16.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARVALHO, Bárbara, CAETANO, Vera; CARDOSO, João Muralha; MARTINS, Andrea (2022b) – Upper Palaeolithic art in a monumental granite landscape. new findings from the site of Faia (Côa Valley, Portugal). *Ice Age Europe*. 6, pp. 18-19.

REIS, Mário; VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (Em preparação) – *El diablo en los trazos: arte rupestre de la Prehistoria Reciente en Arroyo de las Almas*.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1983) – *Terras da Meda. Natureza e Cultura (Monografia)*. Meda: Câmara Municipal da Meda.

SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana de Castro (2013) – An interpretative approach to “devil claw” carvings: the case of river Tua mouth rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). In *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History*, pp. 59-68.

SANTOS, André Tomás Pinto da Silva e Conceição (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Tese de doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Ficha Técnica

TÍTULO

Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa;

COORDENAÇÃO

Dalila Correia
André Santos

AUTORES

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Patrícia Ramos, Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Luís Luís, Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, Marcelo Silvestre, Aida Carvalho, João Zilhão.

LOCAL DE EDIÇÃO

Vila Nova de Foz Côa

EDITOR

Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Ricardo Castro/O Homem do Saco

IMPRESSÃO

Diário do Porto

ISBN 978-972-98121-9-4

